



Política, Direitos, Violência e Homossexualidade

Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT - São Paulo 2005

Sérgio Carrara
Silvia Ramos
Julio Assis Simões
Regina Facchini



Política, Direitos, Violência e Homossexualidade
Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT - São Paulo 2005

REALIZAÇÃO:

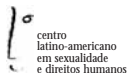
Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo (APOGLBT-SP)

Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC)/UCAM

Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM)/UERJ

Departamento de Antropologia/USP

Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp



Pagu
Núcleo de
Estudos de
Gênero

COORDENAÇÃO GERAL DA PESQUISA:

Sérgio Carrara (CLAM/IMS/UERJ; Pesquisador CNPq)

Sílvia Ramos (CESeC/UCAM)

Júlio Assis Simões (USP e PAGU/UNICAMP)

Regina Facchini (APOGLBT-SP e UNICAMP)

PESQUISADORA ASSISTENTE:

Paula Lacerda (CLAM/IMS/UERJ)

ESTATÍSTICA RESPONSÁVEL:

Greice Maria S. da Conceição (CESeC/UCAM)



Política, Direitos, Violência e Homossexualidade Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT - São Paulo 2005

Sérgio Carrara
Sílvia Ramos
Julio Assis Simões
Regina Facchini

Copyright © Centro Latino Americano
em Sexualidade e Direitos Humanos – IMS/UERJ

Projeto gráfico da capa e miolo
Anna Amendola

Revisão
Verônica Marques

C313

Carrara, Sérgio.

Política, direitos, violência e homossexualidade.
Pesquisa. 9ª Parada do Orgulho GLBT – São Paulo 2005 /
Sérgio Carrara Regina Facchini, Júlio Simões, Sílvia
Ramos. – Rio de Janeiro : CEPESC, 2006.

80. - (Coleção documentos: v.5)

ISBN – 85-89737-06-3

1. Homossexualidade. 2. Direitos Humanos.
3. Violência. 4. Pesquisa. I. Ramos, Sílvia. II. Facchini,
Regina. III. Simões, Júlio. IV. Título..

CDU – 613.885

Catálogo – Sandra Infurna – CRB 7 – 4607

Apoio:



FORD FOUNDATION

Procurando conhecer melhor o(a)s participantes das paradas do orgulho GLBT¹ brasileiras, pesquisadores, militantes e voluntários vinculados à Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, ao Núcleo de Estudos de Gênero Pagu da Universidade Estadual de Campinas, ao Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, ao Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes e ao Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos do Instituto de Medicina Social/Universidade do Estado do Rio de Janeiro conduziram em 2005 pesquisa de perfil quantitativo na Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, cujos principais resultados são aqui apresentados e comentados.

A Associação da Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros (www.paradasp.org.br) foi fundada em 1999, como uma organização da sociedade civil em defesa da diversidade sexual. Sua missão é lutar por uma sociedade mais justa e inclusiva, que reconheça direitos iguais para todos. Além de organizar anualmente as atividades do Mês do Orgulho GLBT de São Paulo, entre as quais se inclui a parada, a Associação desenvolve diferentes atividades, destacando-se: organização de grupos de reflexão e debate periódicos na sede; capacitação de novos ativistas; intervenções educativas sobre direitos dos GLBT e sobre cuidados com a saúde; registro de uniões homoafetivas; acolhimento e encaminhamento de casos de violência e discriminação; estágio supervisionado e apoio para universitários em diferentes áreas de formação; participação em comissões e representações

¹ "GLBT" é a sigla utilizada para Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

governamentais (municipais, estaduais, federais e internacionais); debates e fóruns políticos com outros grupos de militância GLBT, grupos de direitos humanos e outros movimentos sociais no Brasil.

O Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (www.ucamcesec.com.br) realiza pesquisas aplicadas nas áreas de segurança pública, justiça e cidadania. Criado em abril de 2000, reunindo uma equipe de especialistas com experiência em trabalho acadêmico, em atuação em movimentos sociais e em formulação e execução de políticas públicas, tem como principal compromisso contribuir para a modernização e democratização do sistema brasileiro de justiça criminal, visando ao estabelecimento de uma cultura participativa de segurança pública no país.

Criado em 2002, o Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (www.clam.org.br) tem como finalidade principal produzir, organizar e difundir conhecimento sobre a sexualidade na perspectiva dos direitos humanos, buscando contribuir para a diminuição das desigualdades de gênero e para o fortalecimento da luta contra a discriminação das minorias sexuais na região. Através do diálogo entre universidade, movimentos sociais e formuladores de políticas públicas na América Latina, o Centro articula pesquisadores, militantes e outros parceiros interessados em fomentarem o debate sobre a sexualidade e os direitos sexuais. Esta iniciativa integra o projeto de âmbito internacional, que está sendo implantado também na Ásia, na África e nos EUA com o apoio da Fundação Ford.

O Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu (www.unicamp.br/pagu) funciona desde 1993 como espaço acadêmico de discussão e pesquisas interdisciplinares, propiciando reflexões sobre gênero através de conferências, debates e seminários; colaboração na criação e no funcionamento de cursos de graduação, pós-graduação, especialização, extensão e treinamento que contemplem a problemática de gênero; organização de grupos de estudos, com programações semestrais, voltados para temáticas teóricas e questões da prática de pesquisa; publicação dos Cadernos Pagu,

publicação semestral que divulga reflexões teórico-metodológicas, pesquisas, documentos e resenhas relacionados com a problemática de gênero.

O Departamento de Antropologia da USP (www.fflch.usp.br/da) ministra um conjunto de disciplinas que faz parte do currículo do curso de graduação em Ciências Sociais e é responsável pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social em nível de Mestrado e de Doutorado.

A investigação desenvolvida em 2005 por esse conjunto de instituições dá continuidade ao trabalho iniciado em 2003, no Rio de Janeiro, com os mesmos objetivos e métodos.² Além de revelar aspectos pouco conhecidos do perfil sócio-político dos participantes das paradas brasileiras e, por extensão, da população homossexual que se concentra nas grandes cidades do país, o interesse principal é mapear os padrões de violência e discriminação que atingem gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais.

² Ver CARRARA, Sérgio, RAMOS, Sílvia & CAETANO, Marcio (orgs.). *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003. CARRARA, Sérgio e RAMOS, Sílvia, *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade – 9ª Parada do Orgulho GLBT Rio 2004*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	_ 5
1.INTRODUÇÃO	_ 13
2.GRÁFICOS E COMENTÁRIOS	
GRÁFICO 1 - Motivo de comparecimento	_ 19
GRÁFICO 2 - Motivo de comparecimento por sexualidade agregada	_ 21
GRÁFICO 3 - Perfil do(a)s participantes	_ 22
GRÁFICO 4 - Religião em que foi criado(a) e a que frequenta(múltiplas respostas)	_ 24
GRÁFICO 5 - Sexualidade auto-atribuída	_ 25
GRÁFICO 6 - Sexualidade agregada	_ 25
GRÁFICO 7 - Sexualidade auto-atribuída por agregada	_ 26
GRÁFICO 8 - Para quem já se assumiu (múltiplas respostas)	_ 28
GRÁFICO 9 - Situação amorosa	_ 29
GRÁFICO 10 - Situação amorosa por sexualidade agregada	_ 30
GRÁFICO 11 - Tempo de relação	_ 31
GRÁFICO 12 - Existência de filhos	_ 32

GRÁFICO 13 - Teste anti-HIV	_33
GRÁFICO 14 - Uso de hormônios ou silicone (somente para trans)	_34
GRÁFICO 15 - Orientações sobre cuidados no uso de silicone ou hormônio (somente para trans/múltiplas respostas)	_34
GRÁFICO 16 - Frequência ao ginecologista (somente para mulheres homossexuais e bissexuais)	_35
GRÁFICO 17 - Associativismo e participação em movimentos sociais (múltiplas respostas)	_36
GRÁFICO 18 - Políticos mais lembrados que apoiam a causa GLBT em São Paulo ou no Brasil (múltiplas respostas)	_37
GRÁFICO 19 - Leis ou projetos de lei em São Paulo ou no Brasil que beneficiem gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros	_38
GRÁFICO 20 - Incidência de discriminação e de agressão (pelo menos uma experiência)	_39
GRÁFICO 21 - Modalidades de discriminação (múltiplas respostas)	_40
GRÁFICO 22 - Discriminação por grupo de amigos ou vizinhos por sexualidade agregada	_41
GRÁFICO 23 - Discriminação por professores ou colegas, na escola ou na faculdade, por sexualidade agregada	_42
GRÁFICO 24 - Discriminação em ambiente familiar por sexualidade agregada	_43
GRÁFICO 25 - Discriminação em ambiente religioso por sexualidade agregada	_44
GRÁFICO 26 - Discriminação no comércio ou em locais de lazer por sexualidade agregada	_45
GRÁFICO 27 - Discriminação por policiais ou mau atendimento em delegacias por sexualidade agregada	_46
GRÁFICO 28 - Discriminação no ato de doar sangue por sexualidade agregada	_47
GRÁFICO 29 - Discriminação no trabalho ou no emprego por sexualidade agregada	_48

GRÁFICO 30 - Discriminação em serviços de saúde ou por profissionais de saúde por sexualidade agregada	_49
GRÁFICO 31 - Modalidades de agressão (múltiplas respostas)	_50
GRÁFICO 32 - Agressão verbal/ameaça de agressão por sexualidade agregada	_51
GRÁFICO 33 - Agressão física por sexualidade agregada	_52
GRÁFICO 34 - Chantagem ou extorsão por sexualidade agregada	_53
GRÁFICO 35 - Violência sexual por sexualidade agregada	_54
GRÁFICO 36 - Boa Noite Cinderela por sexualidade agregada	_55
GRÁFICO 37 - Relato da agressão (múltiplas respostas)	_56
GRÁFICO 38 – Para quem relatou a agressão (múltiplas respostas)	_56
GRÁFICO 39 - Agressores (múltiplas respostas)	_57
GRÁFICO 40 - Opinião sobre o projeto de Parceria Civil por sexualidade agregada	_59
GRÁFICO 41 - Opinião sobre gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros terem/criarem filhos por sexualidade agregada	_60
ANEXO 1	_63
QUESTIONÁRIO	
ANEXO 2	_75
ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE O TRABALHO DE CAMPO	

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, assistimos no Brasil à multiplicação de eventos comemorativos do Dia do Orgulho de Gays, Lésbicas, Travestis, Transexuais e Bissexuais, tradicionalmente celebrado em diferentes países no dia 28 de junho. As paradas têm sido o ponto de máxima visibilidade dessas comemorações e vêm sendo incorporadas aos ciclos anuais das grandes festas e manifestações públicas nas principais cidades brasileiras, recebendo, nos últimos anos, apoio de prefeituras e do governo federal, através dos ministérios da Saúde e da Cultura. Em 2005, além de São Paulo, paradas ocorreram em mais de 70 outras cidades brasileiras. Ao lado de milhares de manifestantes anônimos, têm participado das paradas artistas, políticos, representantes de organizações da sociedade civil e de agências governamentais que apóiam as reivindicações do movimento.

Várias paradas trouxeram para as ruas em 2005 o tema da parceria civil entre pessoas do mesmo sexo, além das tradicionais palavras de ordem em defesa da diversidade sexual e da luta contra o preconceito. De um modo geral, buscavam pressionar o Congresso brasileiro a finalmente aprovar o projeto de lei que regulamenta as relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo e que vem sendo discutido pelos parlamentares desde 1995. Dentre as manifestações que concentraram um maior número de participantes, temos a de São Paulo, na qual se estima que 2,5 milhões de pessoas tenham comparecido às ruas em 2005. O tema geral da parada foi "Parceria civil, já! Direitos iguais: nem mais, nem menos!". Trata-se da maior manifestação do gênero no Brasil e no mundo. Continuando uma tradição iniciada em 1997, quando se organizou na cidade a primeira dessas mani-

festações, a 9ª Parada do Orgulho GLBT 2005 aconteceu no dia 29 de maio e reuniu manifestantes de diferentes partes do estado e, em menor proporção, de diferentes partes do país. Segundo os dados de nossa amostra, a grande maioria (70%) vinha da Região Metropolitana de São Paulo e 56% eram moradore(a)s da capital. Somados aos moradore(a)s de outras cidades do estado, formavam 89% da massa que saiu às ruas. Moradore(a)s de outros estados do país e de outros países compunham 9,6% e 1,2%³ do(a)s manifestantes, respectivamente.

Além de merecerem uma reflexão que as aborde enquanto fenômeno social e político, as paradas reúnem gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais que, de outro modo, dificilmente poderiam ser alcançados por uma investigação sociológica, oferecendo oportunidade ímpar para que sejam melhor conhecidos. Dadas, sobretudo, as segmentações geracionais, de classe e identitárias que marcam essa população, ela não poderia ser abordada em sua extrema diversidade em qualquer outro espaço social (seja de lazer, de trabalho ou mesmo de ativismo político). E se isso ocorre, talvez seja pelo fato de as paradas se organizarem justamente em torno de uma espécie de denominador comum que agrega todo esse universo: a luta contra a discriminação e o preconceito que atingem diferentes "minorias sexuais". Apesar disso, sejam de cunho qualitativo ou quantitativo, as pesquisas sobre as paradas ou nas paradas são ainda em número extremamente reduzido no Brasil e nosso esforço tem sido no sentido de preencher esta lacuna.

Participaram nas diferentes etapas preliminares da pesquisa (elaboração do questionário, treinamento de entrevistadores, realização de pré-testes etc) pesquisadores e voluntários vinculados às instituições e organizações envolvidas⁴. Para a aplicação do questionário foram selecionados 79 universitários, organizados em 9 grupos, sob a coordenação de supervisores de campo⁵. Cada entrevistador realizou entre 10 e 15 entrevistas, com

³ O número de estrangeiros entrevistados não pode ser tomado como representativo do número de estrangeiros presentes, uma vez que o(a)s entrevistadore(a)s foram instruídos a aplicar o questionário apenas aos manifestantes que falassem português.

⁴ Em todas as etapas da realização da pesquisa, foi fundamental a participação da equipe de voluntários da APOGLBT-SP, especialmente de Alexandre Peixe dos Santos, Murilo Sarno, Nelson Matias Pereira e Renato Baldin. A Coordenadoria de Assuntos da Diversidade Sexual da Prefeitura do Município de São Paulo ofereceu apoio especial durante a atividade de capacitação dos pesquisadores.

⁵ A maior parte do(a)s entrevistadore(a)s era composta por graduandos em Ciências Sociais da USP e da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. O(a)s supervisor(e)a)s eram estudantes graduados ou de pós-graduação.

duração média de 15 minutos. Preencheram-se 973 questionários válidos, cujos resultados foram analisados por um grupo menor de pesquisadores, acompanhados por uma estatística⁶. Compilaram-se os resultados em um banco de dados, tabulados com o auxílio do aplicativo SPSS, e os gráficos foram elaborados utilizando-se o Excel.

O questionário (**ver Anexo 1**) teve como objetivo coletar o máximo de informações no mais curto espaço de tempo, uma vez que as entrevistas aconteceram no local da parada, durante o período de aproximadamente 3 horas que se estende do início da concentração, quando chegam os primeiros participantes, ao início do deslocamento propriamente dito, quando já organizados em alas ou em torno de diferentes carros de som eles começam a caminhar.

Com 37 questões (das quais, excluindo-se os dados relativos ao perfil sócio-econômico, apenas 4 eram abertas), o questionário foi dividido em 5 blocos temáticos, precedidos por 3 questões introdutórias relativas às razões para o comparecimento ao evento e à identidade sócio-sexual do entrevistado. Como nas pesquisas anteriores, o questionário manteve como foco principal os temas da violência, da discriminação e dos direitos. Sobre isso, 9 questões foram propostas, explorando a experiência de participação em diferentes tipos de movimentos sociais; o conhecimento sobre os direitos já conquistados por gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais; e os padrões de vitimização e violência.

Em relação a suas versões anteriores, aplicadas no Rio de Janeiro e em Porto Alegre, o questionário de São Paulo trouxe algumas novidades. Foram incluídas algumas questões sobre problemas de saúde específicos, relacionados tanto a trans (travestis e transexuais), como o uso de hormônio e silicone, quanto a mulheres homossexuais e bissexuais, como a frequência ao ginecologista. Entre as possíveis situações de discriminação contempladas foram incluídas questões relativas à doação de sangue (“ter sido impedido de doar sangue”) e à polícia (“ter sido maltratado por policiais ou ter sido mal atendido em delegacias”). Desde as primeiras aplicações do questionário, ficou claro que a variável “sexo do(a) respondente”, que em outros contextos parece ser das mais evidentes ou “naturais”, traz enormes desafios quando se pesquisa a população GLBT.

⁶ Para a composição da equipe em suas diferentes fases, ver **Anexo 2**

O que significa, por exemplo, perguntar para um(a) “travesti” ou para um(a) “transexual” “qual o seu sexo?”. Estaríamos falando do sexo assignado no nascimento ou do sexo construído ao longo da trajetória de vida? Optamos nesse caso pela pergunta “Com que sexo você foi registrado ao nascer?”, mesmo que tal questão pudesse parecer estranha para muitos gays, lésbicas e bissexuais.

É importante chamar a atenção para a forma como todas as perguntas relativas a contextos e situações de discriminação foram formuladas. Em nenhum caso usamos a expressão “discriminação” nas entrevistas, para evitar que um eventual discurso de vitimização pudesse influenciar diretamente as respostas. Optamos por expressões que remetessem a experiências concretas como ter sido “marginalizado(a)”, “excluído(a)”, “mal atendido(a)”, “maltratado(a)”, “impedido(a) de frequentar” etc.

Finalmente, além de responderem sobre os motivos de estarem na parada e sobre as variáveis destinadas à construção do perfil social do(a)s participantes (idade, escolaridade, religião etc), como em outras versões do questionário, o(a)s “heterossexuais” foram também convidado(a)s neste ano a manifestarem suas opiniões sobre o projeto de lei sobre parceria civil entre pessoas do mesmo sexo, que ainda tramita no Congresso Nacional, e sobre homossexuais terem ou criarem filhos.⁷

Para compor a amostra, não foi estipulado qualquer tipo de cota, mas para potencializar a representatividade dos dados, o(a)s entrevistado(a)s foram orientado(a)s no sentido (i) de diversificarem ao máximo as pessoas entrevistadas, segundo clivagens de raça, sexo e identidade sócio-sexual (procurando abordar tanto mulheres, quanto homens; negros e brancos; travestis e lésbicas etc); (ii) de permanecerem dispostos em diferentes locais ao longo da concentração na Avenida Paulista, procurando assim abordar grupos variados; e finalmente, (iii) de espaçarem as entrevistas ao longo do tempo de duração da concentração para não correrem o risco de entrevistar apenas o(a)s primeiro(a)s a chegarem. Como geralmente travestis e transexuais são minoria entre os manifestantes, optamos por sele-

⁷ Como o questionário tem sido discutido com organizações acadêmicas e ativistas nas diferentes cidades pesquisadas até o momento, pode-se afirmar que se trata de uma obra coletiva. Antes de sua aplicação em São Paulo, versões anteriores já haviam sido discutidas com o Grupo Arco-Iris de Conscientização Homossexual, com o Nuances – Grupo pela Livre Expressão Sexual e com o Núcleo de Antropologia do Corpo e da Saúde (NUPACS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

cionar uma das equipes de pesquisadores apenas para entrevistá-lo(a)s. Desse modo, diferentemente dos anos anteriores no Rio de Janeiro e em Porto Alegre, conseguimos em São Paulo que um número bastante mais significativo de trans (80) respondessem ao questionário.

Para facilitar as tabulações e impedir a interpretação equivocada dos dados, continuamos a adotar, como nos anos anteriores, dois procedimentos quanto à sexualidade e/ou orientação sexual do(a)s entrevistado(a)s. Em primeiro lugar, tendo em vista o relativamente pequeno número de respondentes que em nossa amostra declararam-se “transexual” e “travesti”, agregamos os dois grupos na categoria mais ampla de *trans*. Além disso, combinamos a variável “sexo com que foi registrado ao nascer”, que comportava apenas as opções “masculino” ou “feminino” e a variável **sexualidade auto-atribuída**, que comportava 8 opções (“gay”, “lésbica”, “travesti”, “transexual”, “bissexual”, “entendido(a)”, “homossexual” e “heterossexual”) para gerar o que chamamos de **sexualidade agregada**, com 7 categorias mais inclusivas: *homem homossexual*, *mulher homossexual*, *trans*, *homem bissexual*, *mulher bissexual*, *homem heterossexual* e *mulher heterossexual*. Assim, por exemplo, um homem e uma mulher que se auto-identificaram como “entendido /entendida” foram separados e classificados, quanto à sua sexualidade agregada, como *homem homossexual* e *mulher homossexual*, respectivamente. Do mesmo modo, homens e mulheres que, quanto à sua sexualidade auto-atribuída, declararam ser “bissexuais”, foram, quanto à sua sexualidade agregada, agrupados como *homens bissexuais* e *mulheres bissexuais*. Nos gráficos e comentários que seguem, as sexualidades auto-atribuídas irão sempre aparecer entre aspas, para diferenciá-las das sexualidades agregadas.

Finalmente, dadas as dificuldades e os desafios para a realização de pesquisas quantitativas em grandes manifestações de massa (aos quais deve ser ainda acrescentado o caráter festivo e ruidoso que tem caracterizado as paradas do orgulho GLBT brasileiras), ressaltamos que, mesmo com os cuidados metodológicos acima mencionados, nossos dados não advêm de uma amostra probabilística e devem, portanto, ser tratados com cautela quanto a possíveis generalizações, seja para a população que participa da manifestação, seja para a população paulista ou brasileira de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais.

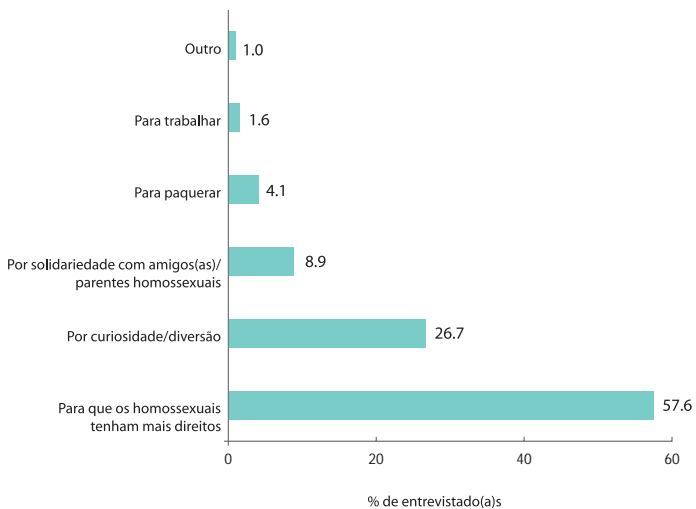
A presente publicação traz, nos gráficos, os principais resultados da pesquisa. Os comentários referem-se tanto aos dados que os gráficos

explicitam, quanto à modulação desses dados segundo diferentes variáveis (idade, escolaridade, raça/cor, sexualidade agregada etc), quando tais variações se mostraram significativas.⁸

⁸ Os dados referentes à incidência dessas variáveis sobre os resultados encontram-se em tabelas disponíveis para consulta via www.clam.org.br e www.ucamcesec.com.br/

2. GRÁFICOS E COMENTÁRIOS

GRÁFICO 1 | Motivo de comparecimento - Parada São Paulo 2005



Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 973 entrevistado(a)s.

GRÁFICO 1 | COMENTÁRIO

Razões de ordem eminentemente política predominaram entre os motivos de comparecimento à 9ª Parada do Orgulho GLBT de São Paulo. Note-se que mais da metade dos presentes (57,6%) declarou estar no evento para

que os direitos GLBT se ampliem. Somando-se ao número do(a)s que disseram estar ali por solidariedade a amigos e parentes homossexuais (8,9%), temos dois terços do(a)s entrevistado(a)s (66,5%) que compareceram ao evento por terem algum tipo de engajamento social ou político com a questão. É também importante salientar que um número expressivo de manifestantes comparece à parada sobretudo por razões lúdicas, por “curiosidade ou diversão” ou para “paquerar” (30,8%). Motivações de ordem política tendem a ser mais relevantes entre o(a)s mais velho(a)s e entre aquele(a)s com nível de instrução mais elevado. Assim, 65,9% entre o(a)s que tinham idades entre 30 e 39 anos contra 44,3% entre o(a)s que tinham até 18 anos declararam estar ali para que os homossexuais tenham mais direitos no país; 61,5% entre o(a)s que tinham pós-graduação contra 51,4% entre o(a)s que tinham ensino fundamental declararam o mesmo. A maior parte do(a)s manifestantes não era composta por “novato(a)s”: 63,3% dele(a)s afirmaram que já tinham participado de outras paradas do orgulho GLBT. Homens e mulheres heterossexuais foram o(a)s que mais frequentemente responderam ser aquela a primeira vez que compareciam a evento desse gênero (58,5% deles e 63% delas nunca haviam participado antes de uma parada do orgulho GLBT). Esse dado contrasta, por exemplo, com as informações relativas aos homens homossexuais, entre os quais 76,5% já tinham participado de outras paradas.

GRÁFICO 2 | Motivo de comparecimento por sexualidade agregada
Parada São Paulo 2005

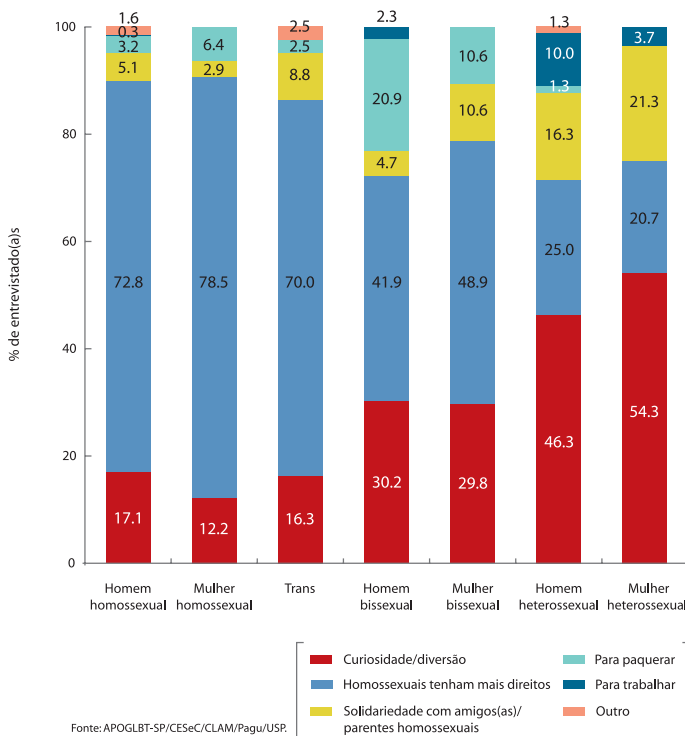


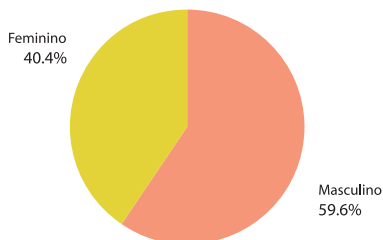
GRÁFICO 2 | COMENTÁRIO

Em relação aos motivos de comparecimento, note-se que, entre homens e mulheres heterossexuais entrevistado(a)s, predominaram razões de ordem lúdica (curiosidade e diversão), atingindo 46,3% entre os primeiros e 54,3% entre as segundas. No entanto, mesmo nesse grupo, motivos de ordem política (solidariedade e ampliação de direitos GLBT) são bastante significativos, atingindo 42% entre mulheres heterossexuais e 41,3% entre homens heterossexuais. Entre o(a)s bissexuais também se destacam as razões de ordem lúdica. Comparativamente a outros grupos, é alto o número do(a)s bissexuais que declararam comparecer à parada “para paquerar”: 20,9% entre eles e 10,6% entre elas. Para a esmagadora maioria das mulheres

homossexuais (78,5%), homens homossexuais (72,8%), e trans (70%) predominaram razões de ordem política para comparecimento à parada. Assim, do ponto de vista do(a)s manifestantes, a parada parece firmar-se como evento político por excelência, a despeito de seu caráter festivo.

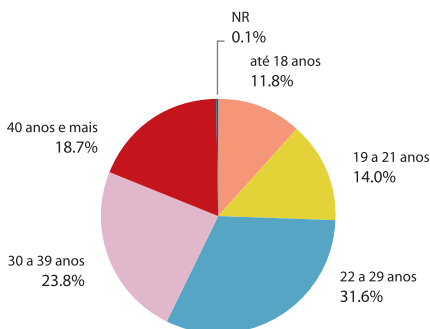
GRÁFICO 3 | Perfil do(a)s participantes - Parada São Paulo 2005

Sexo



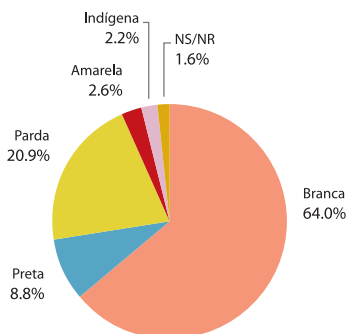
Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 969 entrevistado(a)s.

Faixa etária



Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 973 entrevistado(a)s.

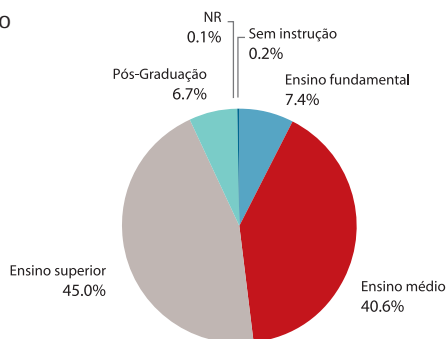
Cor



Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 971 entrevistado(a)s.

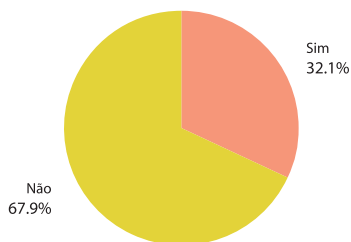
GRÁFICO 3 | Continuação

Nível de instrução



Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 972 entrevistado(a)s.

Freqüente escola/universidade



Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 955 entrevistado(a)s.

GRÁFICO 3 | COMENTÁRIO

No público da 9ª Parada, houve ligeira predominância de homens (59,6%). O(A)s jovens e adulto(a)s jovens predominaram sobre o(a)s mais velho(a)s (57,4% tinham até 29 anos e apenas 18,7%, 40 anos de idade ou mais). A grande maioria declarou-se “branca” (64%), situando o número de “branco(a)s” na parada ligeiramente abaixo do número daquele(a)s que, no estado de São Paulo, declararam-se “branco(a)s” à PNAD/2004 (70,5%). O nível de instrução do(a)s manifestantes é bastante elevado quando comparado aos níveis de escolaridade para a Região Sudeste, sendo que 45% declararam ter ensino superior completo ou incompleto (segundo a PNAD/2004, apenas 11,23% da população do estado de São Paulo teriam nível universitário). Entre o(a)s entrevistado(a)s, uma proporção bastante significativa (32,1%) era composta de estudantes.

GRÁFICO 4 | Religião em que foi criado(a) e a que frequenta (múltiplas respostas)
Parada São Paulo 2005

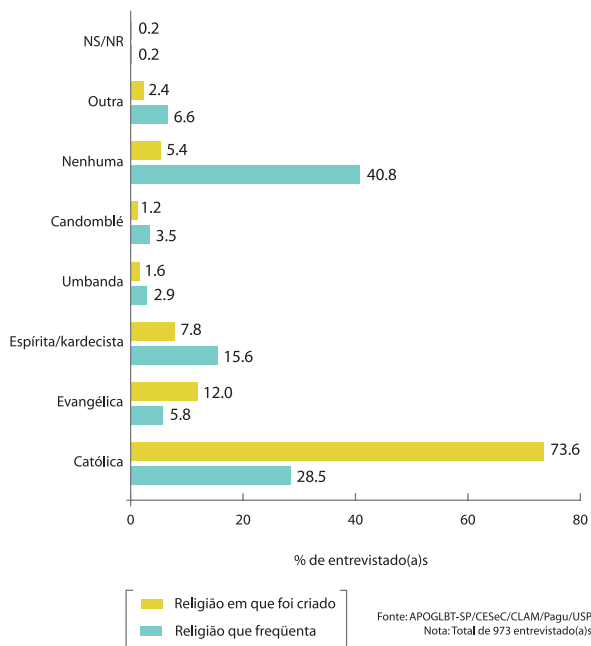
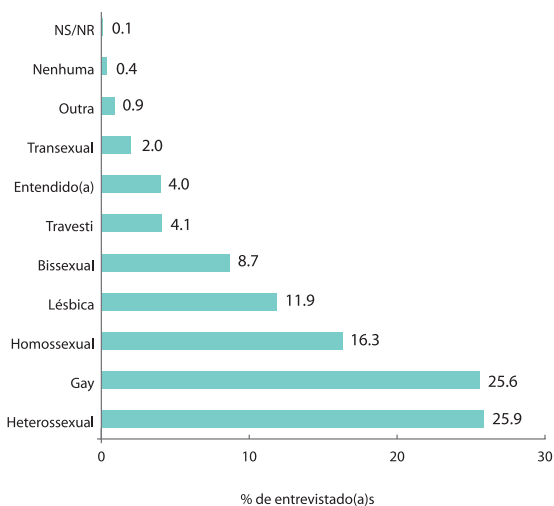


GRÁFICO 4 | COMENTÁRIO

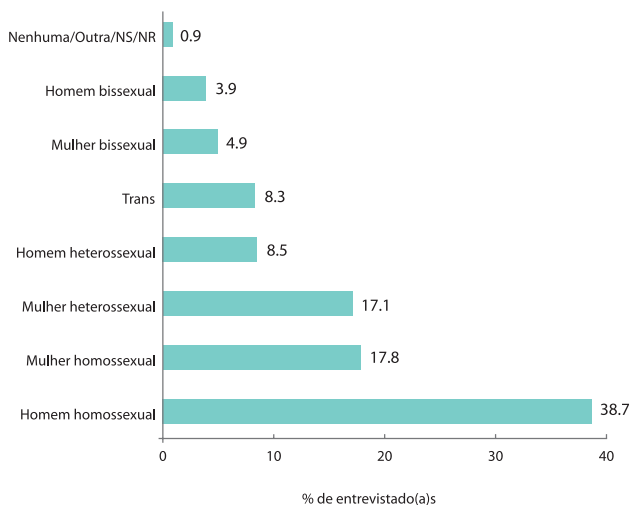
Em marcado contraste com os dados do Censo 2000, segundo os quais apenas 7,4% dos brasileiro(a)s não frequentam nenhum tipo de culto religioso, destacamos o significativo número do(a)s que, em nossa amostra, declaram não ter qualquer religião (40,8%). Note-se também que, ao comparar a religião em que o(a) respondente foi criado(a) com aquela que frequenta atualmente, o número de católicos e evangélicos cai drasticamente, enquanto o número de adeptos de cultos afro-brasileiros e do espiritismo kardecista cresce. Muito provavelmente, a condenação moral à homossexualidade, que caracteriza as religiões cristãs de um modo geral, tem peso importante para essas trajetórias contrastantes. Não por acaso, verificamos que 22,7% de todo(a)s entrevistado(a)s declararam já ter sido vítima de marginalização ou exclusão em ambiente religioso.

GRÁFICO 5 | Sexualidade auto-atribuída - Parada São Paulo 2005



Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 973 entrevistado(a)s.

GRÁFICO 6 | Sexualidade agregada - Parada São Paulo 2005



Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 969 entrevistado(a)s.

GRÁFICO 7 | Sexualidade auto-atribuída por agregada - Parada São Paulo 2005

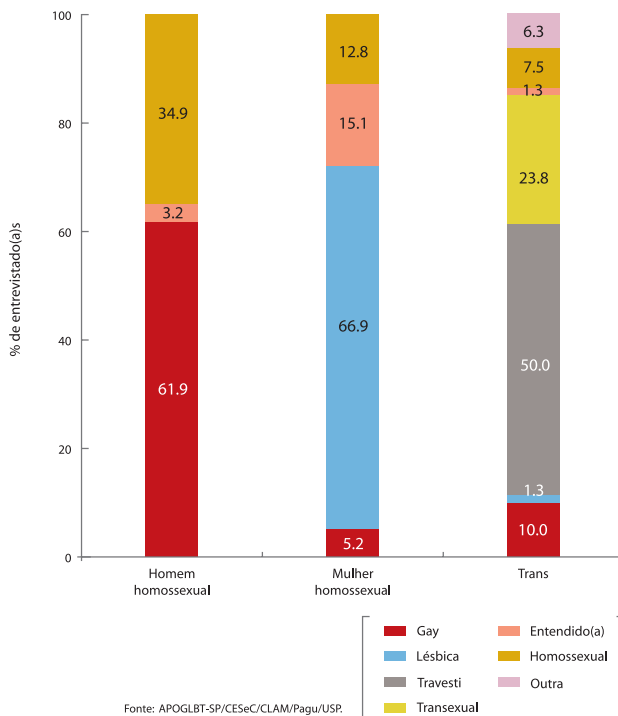


GRÁFICO 5 - 6 - 7 | COMENTÁRIO

A maioria do(a)s entrevistado(a)s declarou manter algum tipo de identidade não-heterossexual: 72,6% identificaram-se como “gay”, “lésbica”, “travesti”, “bissexual”, “homossexual”, “entendido(a)” ou “transexual”. Homens e mulheres heterossexuais somam um quarto de todos o(a)s respondentes (25,6%), sendo que o número de mulheres heterossexuais correspondeu ao dobro do número de homens heterossexuais (17,1% contra 8,5%). Entre os homens homossexuais, a categoria de auto-identificação preferida foi “gay” (61,9%) e, entre mulheres homossexuais, a preferência recaiu sobre a categoria “lésbica” (66,9%). Já entre o(a)s trans, predominaram as auto-identificações “travesti” (50%) e “transexual” (23,8%). É importante notar que do(a)s 80 trans entrevistado(a)s, apenas um declarou ter sido registra-

do como mulher ao nascer, identificando-se atualmente como homem. Note-se ainda que apenas uma trans se declarou “lésbica” e uma outra se disse “entendida”. Ainda em relação às sexualidades auto-atribuídas, como se observa no Gráfico 7, “gay”, “homossexual” e “entendido(a)” são as únicas categorias compartilhadas por homens homossexuais, mulheres homossexuais e por trans, mesmo que em proporções diferentes. Assim, declararam-se “homossexuais” 34,9% dos homens homossexuais, 12,8% das mulheres homossexuais e 7,5% do(a)s trans. Além dos 61,9% de homens homossexuais que se disseram “gays”, 10% do(a)s trans e 5,2% das mulheres homossexuais fizeram o mesmo. Declararam-se “entendido(a)s” 15,1% das mulheres homossexuais, 3,2% dos homens homossexuais e 1,3% do(a)s trans. Olhando os cruzamentos entre sexualidades, faixas etárias e escolaridade, três aspectos chamam a atenção:

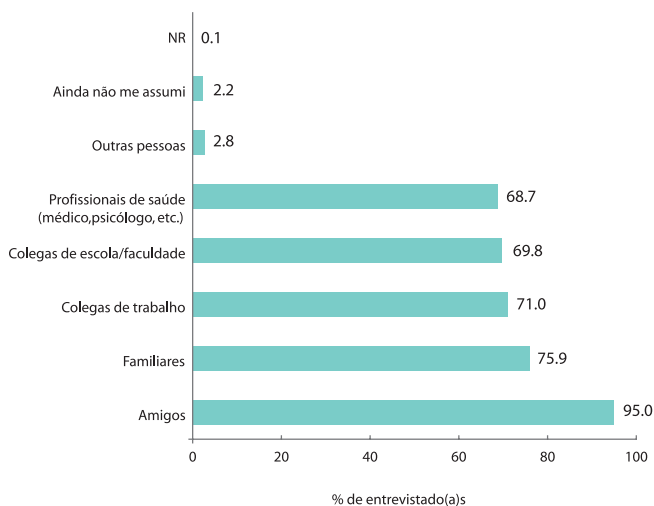
a) A categoria “entendido(a)” é mais comum entre o(a)s com nível de escolaridade menor: 9,7% do(a)s que tinham ensino fundamental declararam-se “entendido(a)s”, contra apenas 2,3% do(a)s que tinham ensino superior e 1,5% do(a)s pós-graduado(a)s. É mais comum também entre as mulheres: enquanto 3,2% dos homens homossexuais declararam-se “entendidos”, 15,1% das mulheres homossexuais fizeram o mesmo.

b) Ainda quanto à escolaridade, é importante notar que, se entre o(a)s trans 21,5% declararam ter até o ensino fundamental, apenas 6,1% dos homens homossexuais e 5,2% das mulheres homossexuais fizeram o mesmo. A relativa baixa escolaridade do(a)s trans é também revelada pelo fato de serem trans o(a)s único(a)s 2 respondentes que afirmaram não ter instrução alguma. Além disso, enquanto 60,5% dos homens homossexuais informaram ter ensino superior ou pós-graduação, apenas 27,9% do(a)s trans fizeram o mesmo.

c) A categoria bissexual tende a predominar entre o(a)s mais jovens e, sobretudo, entre as mulheres: entre as bissexuais 57,4% tinham até 21 anos e 27,7% tinham entre 22 e 29 anos. O mesmo acontece com os homens bissexuais, entre os quais 36,9% tinham até 21 anos e 34,2% tinham entre 22 e 29 anos. Apenas 24,4% das mulheres homossexuais, 21,1% dos homens homossexuais e 18,8% do(a)s trans tinham até 21 anos. Juntos, o(a)s bissexuais correspondem a 20% do(a)s respondentes de até 18 anos e 13,2% daquele(a)s cujas idades estavam entre 19 e 21 anos. O número de bissexuais decresce sensivelmente nas faixas etárias superiores, corres-

pondo a apenas 3% entre o(a)s que tinham idades variando de 30 a 39 anos.

GRÁFICO 8 | Para quem já se assumiu (múltiplas respostas)
Parada São Paulo 2005



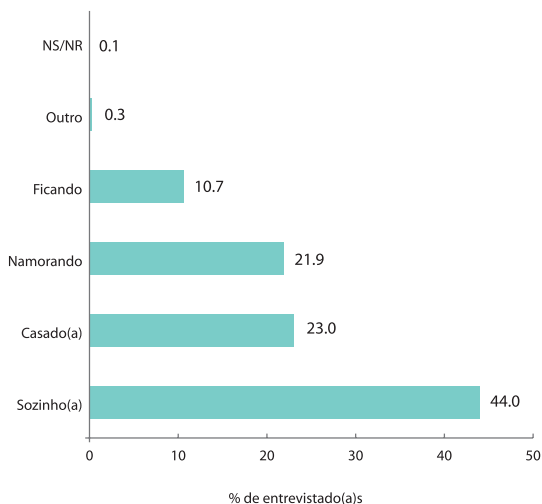
Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP
Nota: Total de 721 entrevistado(a)s.

GRÁFICO 8 | COMENTÁRIO

De modo geral, a população que comparece à parada já expôs sua sexualidade em diferentes círculos de sociabilidade. Amigos e familiares são aqueles com quem essa informação foi mais frequentemente compartilhada (95% e 75,9%, respectivamente). Apenas 2,2% do(a)s respondentes (sendo 1,3% entre os homens homossexuais, 1,7% entre as mulheres homossexuais, 5,3% entre os homens bissexuais e 10,6% entre as mulheres bissexuais) ainda permaneciam completamente “no armário”. Vale ressaltar que o número de entrevistado(a)s que declarou assumir sua sexualidade em algum dos círculos de sociabilidade investigados tende a subir conforme a faixa etária, com um leve declínio na faixa dos que tinham 40 anos ou mais. Assim, se 5,3% do(a)s que tinham até 18 anos não haviam compartilhado sua sexualidade em nenhum círculo social, esse percentual cai para 1,1% na faixa de 30 a 39 anos e se mantém em 1,7% na faixa de 40 anos ou mais.

Os bissexuais e principalmente **as** bissexuais são o(a)s que menos assumiram sua sexualidade ou orientação sexual em qualquer círculo de sociabilidade, em marcado contraste com o(a)s trans. Assim, por exemplo, se 100% do(a)s trans afirmaram já ter assumido entre amigos, 92,1% dos homens bissexuais e apenas 85,1% das mulheres bissexuais declararam o mesmo.

▮ GRÁFICO 9 ▮ Situação amorosa - Parada São Paulo 2005



Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 721 entrevistado(a)s.

GRÁFICO 10 | Situação amorosa por sexualidade agregada
Parada São Paulo 2005

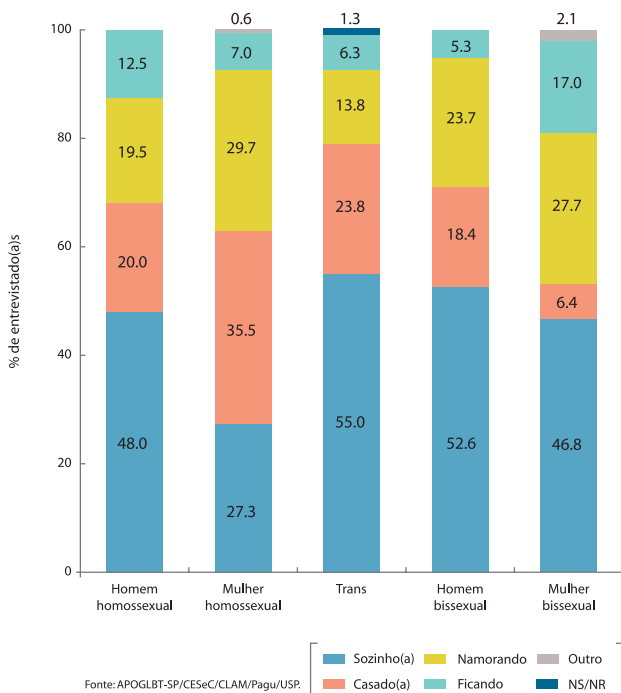


GRÁFICO 9 - 10 | COMENTÁRIO

O número do(a)s respondentes que se declarou sozinho no momento da entrevista (44%) equivale ao número do(a)s que estavam em relações mais ou menos estáveis, ou seja, casado(a)s ou namorando (44,9%). Note-se que esses números sofrem forte variação segundo as diferentes sexualidades agregadas e outras características sociais do(a)s entrevistado(a)s. Entre as variações mais notáveis, temos:

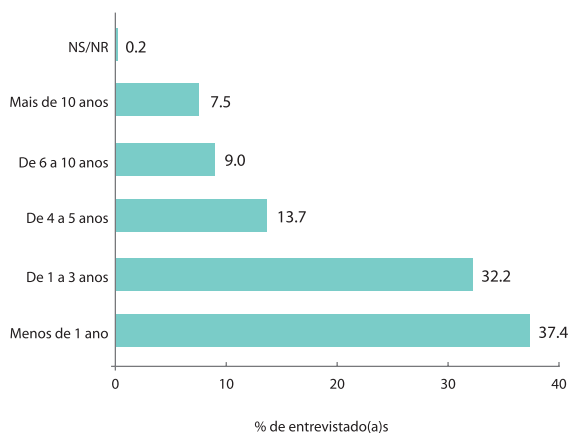
a) Enquanto entre os homens homossexuais, 39,5% declararam-se casados ou namorando, esse número sobe para 65,2% entre as mulheres homossexuais. Entre elas, apenas 27,3% estavam sozinhas, em contraste com o(a)s trans, entre o(a)s quais o número do(a)s que se disseram sozinho(a)s sobe para 55%. O número de casado(a)s sobe consistentemente segundo as

diferentes faixas etárias, indo de 3,9% para o(a)s que tinham até 18 anos para 44% entre o(a)s que tinham 40 anos ou mais. Nessa faixa etária, se somamos o número dos que se declararam casado(a)s com o do(a)s que disseram estar namorando, temos 60,4% que estavam, no momento da entrevista, engajado(a)s em relações mais ou menos estáveis.

b) Quando comparado(a)s com o(a)s que se disseram “branco(a)s”, o(a)s que se identificaram como “pardo(a)s” e “preto(a)s” tenderam a mais frequentemente declararem-se “sozinho(a)s” ou “ficando”: entre “branco(a)s”, 50,2% estavam “sozinho(a)s” ou “ficando”; entre “pardo(a)s”, 60,4%; e entre “preto(a)s”, 62,1%.

c) No momento da entrevista, 23% de todo(a)s respondentes estavam morando com companheiro(a)s, chegando esse número a 33,7% entre as mulheres homossexuais. Grosso modo, tais números coincidem com os números do(a)s que se disseram casado(a)s (23% no total da amostra e 35,5% entre as mulheres homossexuais).

GRÁFICO 11 | Tempo de relação - Parada São Paulo 2005



Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 401 entrevistado(a)s.

GRÁFICO 11 | COMENTÁRIO

Em sua maioria, as relações amorosas mantidas pelo(a)s respondentes eram recentes: 37,4% tinham menos de 1 ano e 32,2% tinham menos de 3

anos. Como era de se esperar, o tempo de duração das relações sofre forte variação segundo as diferentes faixas etárias. Assim, enquanto 45,3% das relações de menos de um ano estão concentradas entre jovens de até 21 anos, quase um terço do(a)s respondentes com 30 anos ou mais relatou estar em relações que já duravam mais de 6 anos. Entre o(a)s que tinham 40 anos ou mais no momento da entrevista, 38,6% relataram relações de mais de 6 anos e 26,7% declararam estar em relações que já duravam mais de 10 anos. Vale a pena ressaltar ainda que, apesar de as mulheres homossexuais predominarem entre o(a)s que estão engajado(a)s em relacionamentos mais ou menos estáveis, relacionamentos mais longos, com mais de 10 anos, estão presentes em todos os grupos, parecendo curiosamente ser mais freqüentes entre homens homossexuais e bissexuais (9,3% e 11,1%, respectivamente) do que entre mulheres homossexuais que, nesse aspecto, apresentam o mesmo percentual do(a)s trans (5,6%).

GRÁFICO 12 Existência de filhos - Parada São Paulo 2005

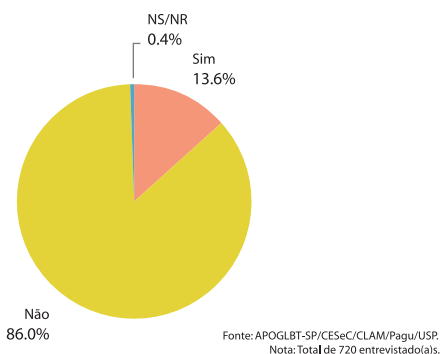
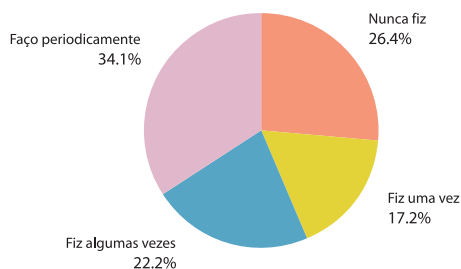


GRÁFICO 12 COMENTÁRIO

Entre o(a)s respondentes, 13,6% afirmaram ter filhos. O número do(a)s que disseram ter filhos sobe progressivamente segundo as diferentes faixas etárias, chegando a 27,6% entre o(a)s que tinham 40 anos ou mais. Caso consideremos as sexualidades agregadas, mulheres homossexuais são as que mais freqüentemente reportam ter filhos (24,4%), seguidas pelas mulheres bissexuais (12,8%), trans (11,3%), homens bissexuais (10,5%) e, finalmente, homens homossexuais (8,8%). A maior parte dos filhos (52%) era oriunda de uma relacionamento heterossexual anterior e 10,2% eram

filhos de companheiro(a)s que o(a) respondente considerava como seus. A adoção formal e informal foi mais frequentemente relatada por trans (22,2% em ambos os casos). A presença de filhos oriundos de uma relação sexual eventual ou “produção independente” foi muito mais comum entre mulheres homossexuais (9,5%) do que entre homens homossexuais (3%).

GRÁFICO 13 | Teste anti-HIV - Parada São Paulo 2005



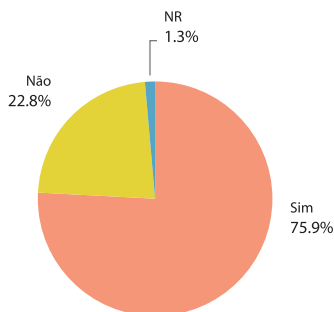
Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 715 entrevistado(a)s.

GRÁFICO 13 | COMENTÁRIO

Um número surpreendentemente alto de respondentes (73,5%) declarou já ter feito pelo menos uma vez o teste para a detecção do HIV. O número do(a)s que nunca fizeram o teste é muito mais alto entre homens bissexuais (36,8%) e entre mulheres (tanto bissexuais, quanto homossexuais). Entre as mulheres bissexuais, 63,8% declararam nunca ter feito o teste e, entre as mulheres homossexuais, 40,7% declararam o mesmo. Já entre homens homossexuais, o número dos que nunca fizeram o teste caiu para 17,5%, chegando a apenas 10,3% entre trans. O(A)s trans são também o(a)s que declaram em maior número fazer o teste periodicamente (52,6%), seguido(a)s pelos homens homossexuais (39,2%). Esses números também sofrem forte variação segundo as diferentes faixas etárias. Assim, se entre o(a)s que tinham até 18 anos, 60,5% nunca haviam feito o teste, esse número cai para 14,7% entre o(a)s que tinham entre 30 e 39 anos e 18,3% entre o(a)s que tinham 40 anos ou mais. Do mesmo modo, entre o(a)s que tinham até 18 anos, apenas 14,5% declararam fazer o teste periodicamente contra 40% do(a)s que tinham 40 anos ou mais. A realização periódica do teste mostrou-se crescente também conforme o grau de instrução. Dessa maneira, enquanto 28,8% do(a)s que tinham ensino fundamental

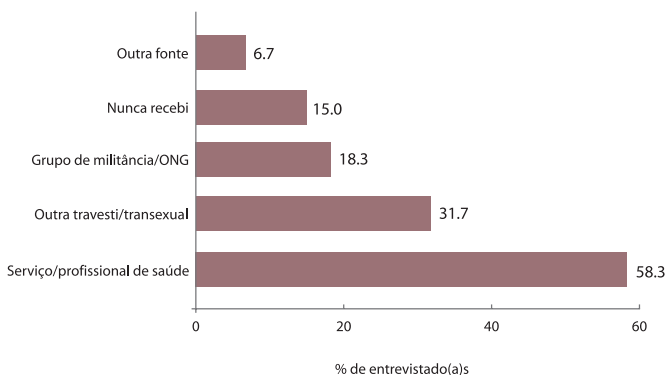
declararam fazer o teste periodicamente, 36,1% do(a)s que estavam situado(a)s no ensino superior e 46,7% do(a)s que tinham escolaridade em nível de pós-graduação afirmaram o mesmo.

GRÁFICO 14 | Uso de hormônios ou silicone (somente para trans)
Parada São Paulo 2005



Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 79 entrevistado(a)s.

GRÁFICO 15 | Orientações sobre cuidados no uso de silicone ou hormônio (somente para trans/múltiplas respostas) - Parada São Paulo 2005



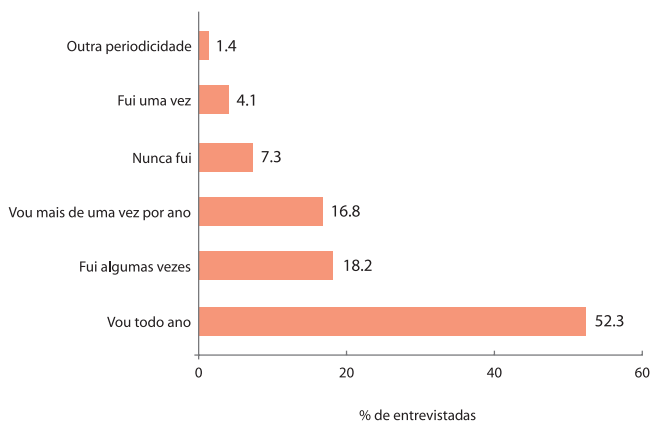
Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 60 entrevistado(a)s que usam ou já usaram silicone.

GRÁFICO 14 -15 | COMENTÁRIO

Entre (o)as trans, 75,9% declararam já ter utilizado silicone ou hormônios, sendo que deste(a)s, 83,3% afirmaram ter recebido algum tipo de orien-

tação sobre cuidados relativos ao seu uso. Esse número deve ser relativizado dado que 46,3% da(o)s trans que compõem a amostra declararam participar ou ter participado do movimento homossexual, o que pode ampliar o acesso a informações qualificadas. Entre o(a)s 60 respondentes que afirmaram já ter utilizado hormônio ou silicone, as principais fontes de informação a respeito foram serviços ou profissionais de saúde (35 menções), outras travestis ou transexuais (19 menções) e grupos de militância ou ONGs (11 menções). Note-se, entretanto, que 15% do(a)s que usam hormônios ou silicone afirmaram nunca ter recebido qualquer tipo de orientação. Deve-se ressaltar que o uso de hormônios ou silicone pode iniciar-se muito cedo, sendo que 5 do(a)s trans com menos de 18 anos relataram fazer ou ter feito uso dessas substâncias.

▮ GRÁFICO 16 ▮ Freqüência ao ginecologista (somente para mulheres homossexuais e bissexuais) - Parada São Paulo 2005



Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 220 entrevistadas.

▮ GRÁFICO 16 ▮ COMENTÁRIO

Entre as mulheres homossexuais e bissexuais, 69,1% declararam ir ao ginecologista uma vez no ano ou mais. O número das que declararam ir todo ano sobe consistentemente segundo as diferentes faixas etárias, indo de 17,6%, entre as que tinham até 18 anos, para chegar a 71,4%, entre as que tinham idades variando de 30 a 39 anos, com ligeiro declínio entre as mulheres com mais de 40 anos. Entre as 16 mulheres (7,3% das respon-

dentes) que declararam nunca terem ido a um ginecologista, 12 tinham menos de 21 anos. O número das que declararam ir ao ginecologista pelo menos uma vez por ano tende a subir segundo o nível de instrução. Assim, enquanto 61,8% das mulheres com nível de instrução até o ensino médio afirmaram ir ao ginecologista ao menos uma vez por ano, 77,4% das que tinham alcançado o ensino superior e a pós-graduação fizeram o mesmo.

GRÁFICO 17 | Associativismo e participação em movimentos sociais (múltiplas respostas) - Parada São Paulo 2005

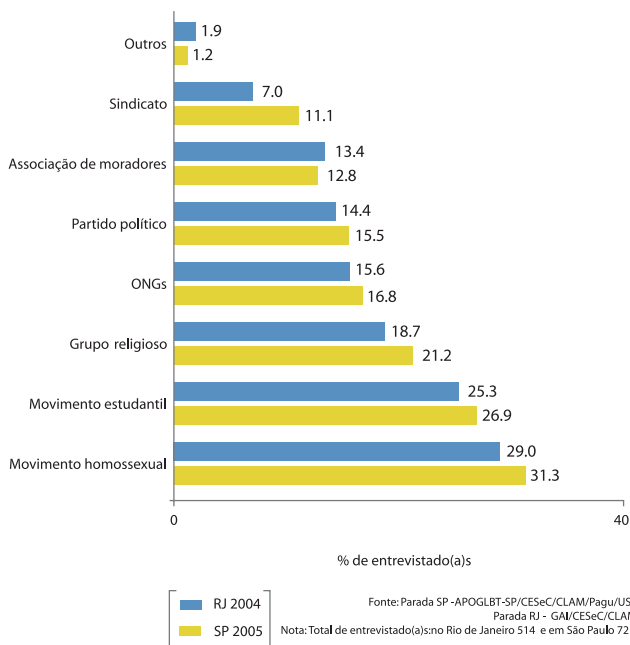
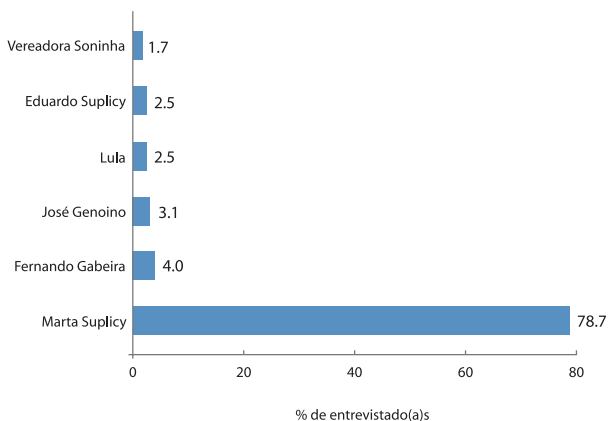


GRÁFICO 17 | COMENTÁRIO

Nada menos do que 66% do(a)s entrevistado(a)s afirmaram já ter participado de algum tipo de movimento social. Com maior frequência de participação, encontra-se o movimento homossexual (31,3%), seguido pelo movimento estudantil (26,9%). Os resultados são muito consistentes com levantamentos feitos no Rio de Janeiro em 2003 e 2004, indicando que a população que frequenta as paradas brasileiras tende a ser politizada,

participativa e predominantemente jovem. Chama a atenção a politização do(a)s trans (apenas 26,3% nunca tinham participado de qualquer modalidade associativa), em contraste com as mulheres homossexuais (42,4% declararam nunca ter participado de nenhum tipo de movimento). É interessante notar também que o relato de participação no movimento homossexual diminui consistentemente com o aumento da escolaridade, o que talvez guarde relação com certo processo de “popularização” da militância homossexual.

GRÁFICO 18 | Políticos mais lembrados que apóiam a causa GLBT em São Paulo ou no Brasil (múltiplas respostas) - Parada São Paulo 2005



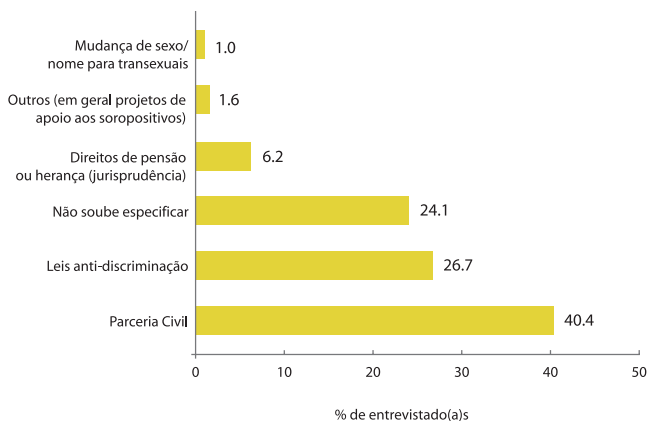
Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 478 entrevistado(a)s que mencionaram algum político.

GRÁFICO 18 | COMENTÁRIO

Entre o(a)s entrevistado(a)s, 66,4% afirmaram existir políticos, em São Paulo ou no Brasil, que apóiam a causa GLBT. Essa resposta afirmativa aumenta de acordo com a faixa etária. Os homens homossexuais são os que mais responderam afirmativamente a essa questão. Quando convidado(a)s a mencionar quais são esses políticos, Marta Suplicy aparece destacadamente em primeiro lugar, com 78,7% das citações (376). Citados em números marcadamente inferiores vêm o Deputado Federal/RJ Fernando Gabeira (com 19 menções), o ex-presidente do PT José Genoino (15 menções), o Senador/SP Eduardo Suplicy e o Presidente da República Luis Inácio Lula da Silva (ambos com 12 menções). Soninha Francine, Vereadora

por São Paulo, aparece com 8 menções. Roberto Jefferson, ex-Deputado Federal/RJ, responsável pelo substitutivo ao projeto de lei sobre parceria civil de Marta Suplicy, recebeu 4 citações. É interessante observar que mais de vinte nomes receberam uma citação, entre eles políticos de cidades menores.

GRÁFICO 19 | Leis ou projetos de lei em São Paulo ou no Brasil que beneficiem gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros - Parada São Paulo 2005

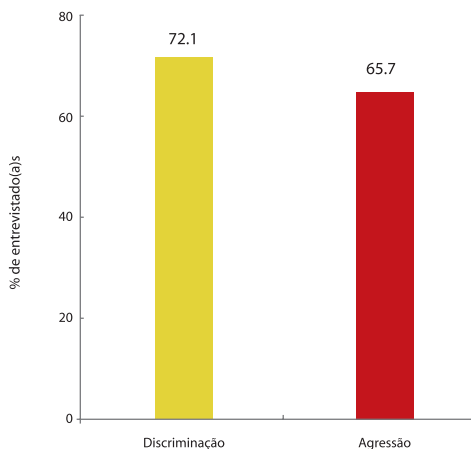


Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
 Nota: Total de 307 entrevistado(a)s mencionaram alguma lei ou projeto de lei.

GRÁFICO 19 | COMENTÁRIO

Um pouco mais da metade (56,8%) do(a)s entrevistado(a)s declarou não conhecer lei ou projeto de lei, em São Paulo ou no Brasil, que beneficie gays, lésbicas, travestis, transexuais ou bissexuais. As mulheres bissexuais se destacaram como o grupo que menos conhecia tais leis ou projetos de lei (72,3%), seguidas pela(o)s trans (65,8%) e mulheres homossexuais (61,6%). Os homens homossexuais e bissexuais foram os que mais declararam conhecer (49,2% e 50%, respectivamente). Entre o(a)s 307 entrevistado(a)s que afirmaram conhecer alguma lei ou projeto de lei nesse sentido, o projeto de Parceria Civil foi o mais citado (40,4%), com quase o dobro das menções feitas a legislações anti-discriminação existentes em estados e municípios (26,7%). Esse resultado é consistente com o amplo reconhecimento de Marta Suplicy (que apresentou o projeto de parceria civil no Congresso Nacional em 1995) como a representante política que mais defende os direitos GLBT.

GRÁFICO 20 | Incidência de discriminação e de agressão (pelo menos uma experiência) - Parada São Paulo 2005



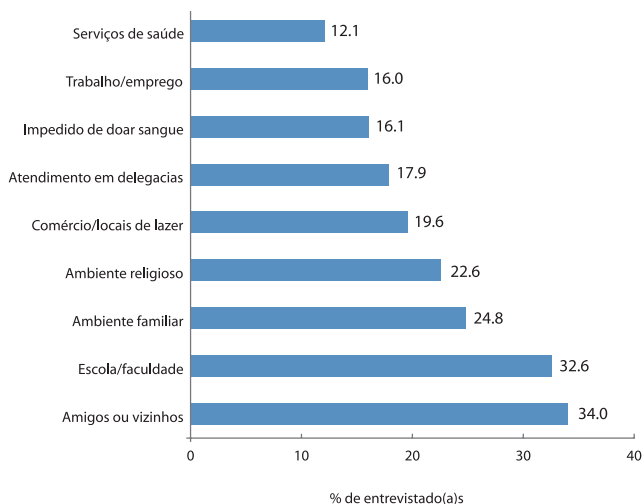
Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 520 discriminado(a)s e 474 agredido(a)s.

GRÁFICO 20 | COMENTÁRIO

Um número extraordinariamente alto de respondentes (72,1%) disse já ter sido, devido à sua sexualidade, vítima de algum tipo de discriminação, entre as nove modalidades previstas no questionário (emprego; comércio; sistema de saúde; escola ou faculdade; ambiente familiar; entre amigos e vizinhos; ambiente religioso; ao doar sangue; em delegacias). O caso de São Paulo aprofunda as tendências observadas em 2004, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre. Naquelas cidades, embora igualmente altos, esses valores foram ligeiramente inferiores, atingindo 64,8 % para o Rio de Janeiro e 61,3% para Porto Alegre. Também foi bastante alto (65,7%) o número de entrevistado(a)s que afirmou ter sido vítima, devido à sua sexualidade, de alguma das cinco modalidades de agressão listadas (agressões verbais; agressões físicas; chantagens ou extorsões; violência sexual; golpe Boa Noite Cinderela). Em relação a tais agressões, os números obtidos na Parada de São Paulo são também ligeiramente superiores aos obtidos, em 2004, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre (61,5% e 63,7%, respectivamente).⁹

⁸ As taxas mais altas de discriminação e agressões encontradas em São Paulo devem ser interpretadas com cuidado, pois refletem em parte a presença mais significativa de trans na amostra, grupo que tende a ser, como veremos, vítima preferencial de discriminações e agressões.

GRÁFICO 21 | Modalidades de discriminação (múltiplas respostas)
Parada São Paulo 2005



Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAMI/Pagu/USP.
Nota: Total de 721 entrevistado(a)s.

GRÁFICO 21 | COMENTÁRIO

A discriminação mais frequentemente mencionada é a que ocorreu entre amigos ou vizinhos, com um terço (34%) do(a)s entrevistado(a)s fazendo menção a ela. De perto, seguem as situações de marginalização ou exclusão na escola ou na faculdade (32,6%). E, em terceiro lugar entre as mais frequentes, vem a discriminação ocorrida em ambiente familiar (24,8%). Essas três primeiras modalidades de discriminação têm em comum o fato de ocorrerem em esferas de sociabilidade que colocam em cena pessoas íntimas (familiares e amigos) ou ao menos conhecidas (colegas, professores, vizinhos). A discriminação em ambiente religioso aparece em quarto lugar, com frequência de 22,7%. Em seguida, temos duas situações de discriminação que ocorrem no contexto de interações públicas, em espaços comerciais ou de lazer (19,6%) e em delegacias (17,9%). O número de respondentes que declarou ter sido impedido de doar sangue devido à sua sexualidade foi relativamente alto (16,1%), especialmente se considerarmos que apenas uma parcela da população entrevistada provavelmente já tentou doar sangue. Por último, vieram a discriminação no trabalho ou em situações de emprego (16%) e nos serviços de saúde

(12,1%). Coincidente com a pesquisa realizada no Rio de Janeiro em 2004, os serviços de saúde e as relações com profissionais de saúde foram os contextos em que, comparativamente, o(a)s entrevistado(a)s registraram menor frequência de discriminações. Mesmo que esse seja o círculo de sociabilidade em que o(a)s entrevistado(a)s menos assumiram sua sexualidade (ver acima, comentários ao Gráfico 8), talvez o relato de um número menor de experiências de discriminação nesse contexto aponte para os efeitos acumulados da presença da militância GLTB nas campanhas de prevenção de HIV/AIDS.

GRÁFICO 22 | Discriminação por grupo de amigos ou vizinhos por sexualidade agregada - Parada São Paulo 2005

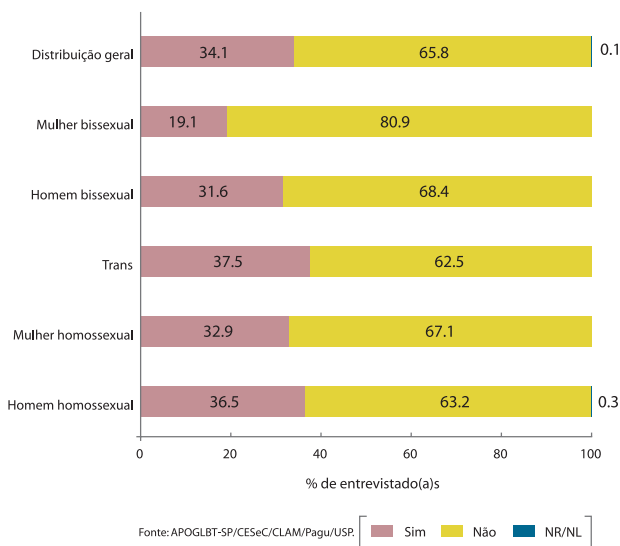


GRÁFICO 22 | COMENTÁRIO

Quando se trata de experiências de discriminação (ter sido excluído ou marginalizado) por amigos e vizinhos, todos os grupos apresentam incidências igualmente altas, sendo esta a experiência mais freqüente no conjunto da população entrevistada. Trans e homens homossexuais (37,5% e 36,5%) são seguido(a)s de perto por mulheres homossexuais e homens bissexuais (32,9% e 31,6%). Apenas as mulheres bissexuais aparecem com

freqüência inferior (19,1%). Efetivamente, discriminação no âmbito de relações com amigos e vizinhos é experiência comum a todos os grupos, independentemente de faixa etária e sexo. Essa experiência tende a diminuir conforme aumenta a escolaridade (indo de 50,9% entre o(a) que tinham o ensino fundamental para pouco mais de 30% entre o(a) que tinham ensino superior e pós-graduação) e tende a ser mais freqüente entre “preto(a)s” e “pardo(a)s”. Enquanto 30% do(a)s que se declararam “branco(a)s” afirmaram já ter sofrido esse tipo de discriminação, esse número aumenta para 38,1% e 43,9%, entre “pardo(a)s” e “preto(a)s”, respectivamente.

GRÁFICO 23 | Discriminação por professores ou colegas, na escola ou na faculdade, por sexualidade agregada - Parada São Paulo 2005

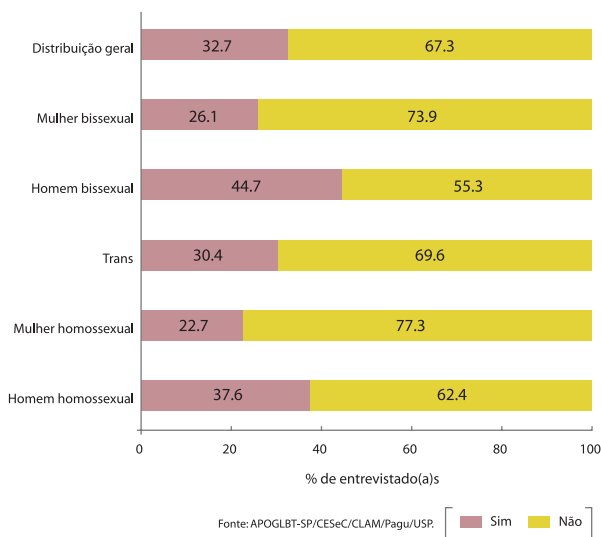


GRÁFICO 23 | COMENTÁRIO

Um percentual surpreendentemente alto de respondentes (32,7%) declarou ter sido marginalizado ou excluído por colegas ou professores na escola ou na faculdade devido à sua sexualidade. Esse percentual é ainda mais alto entre homens bissexuais (44,7%). Vêm em seguida homens homossexuais (37,6%), trans (30,4%), mulheres bissexuais (26,1%) e

mulheres homossexuais (22,7%). O resultado indica que as experiências de discriminação na escola refletem dinâmicas sutis, relativas não apenas aos clássicos estereótipos de gênero vinculados à homossexualidade (homens efeminados e mulheres masculinizadas), mas também ao simples compartilhamento de preferências sexuais entre colegas e, talvez, à sua ambiguidade. Para compreender a alta incidência desse tipo de discriminação entre bissexuais, deve-se também levar em conta que ele(a)s são predominantemente jovens, ainda vinculado(a)s em grande número a estabelecimentos de ensino (42,1% dos homens bissexuais afirmaram ainda frequentar escolas ou universidades). Desse modo, talvez sejam mais sensíveis às discriminações ocorridas nesse contexto. Os resultados indicam a necessidade de estudos capazes de descrever tais dinâmicas, revelando se estamos frente a experiências do tipo “bullying” (gozações, apelidos etc) ou a exclusões ainda mais violentas.

GRÁFICO 24 | Discriminação em ambiente familiar por sexualidade agregada Parada São Paulo 2005

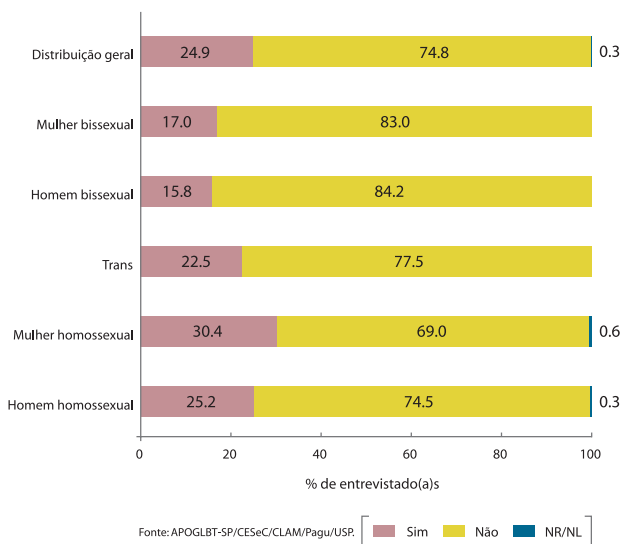


GRÁFICO 24 | COMENTÁRIO

As mulheres homossexuais são as que mais freqüentemente mencionam experiências de marginalização e exclusão no ambiente familiar (30,4%). Homens homossexuais e o(a)s trans aparecem em seguida (25,2% e 22,5% respectivamente). O(A)s bissexuais aparecem com aproximadamente metade da incidência das mulheres homossexuais (15,8% para **os** bissexuais e 17% para **as** bissexuais). Trata-se de perguntar aqui se os círculos mais próximos (amizade e família) são os mais discriminadores ou se é nesses círculos que tais experiências são afetivamente mais significativas e, portanto, mais dificilmente relevadas.

GRÁFICO 25 | Discriminação em ambiente religioso por sexualidade agregada
Parada São Paulo 2005

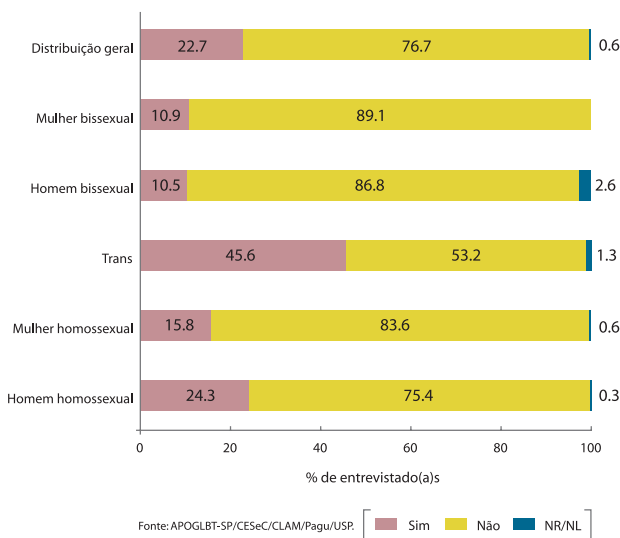


GRÁFICO 25 | COMENTÁRIO

Em ambientes religiosos, o(a)s trans referiram experiências de exclusão e marginalização destacadamente superior aos demais (45,6%). Esse fato indica, possivelmente, que as dinâmicas de discriminação nesses ambientes têm diretamente a ver com a visibilidade da sexualidade. Ou seja, mais do

que dinâmicas sutis de marginalização, esses números podem expressar situações abertas de constrangimento e expulsão. Note-se, entretanto, que quando olhamos para as respostas às perguntas sobre a religião em o(a)s entrevistado(a)s foram criado(a)s e a religião que frequentam atualmente, o(a)s trans não apresentam uma frequência a cultos religiosos expressivamente superior à do(a)s demais que pudesse justificar a discrepância de respostas em relação a discriminações em ambiente religioso.

GRÁFICO 26 | Discriminação no comércio ou em locais de lazer por sexualidade agregada - Parada São Paulo 2005

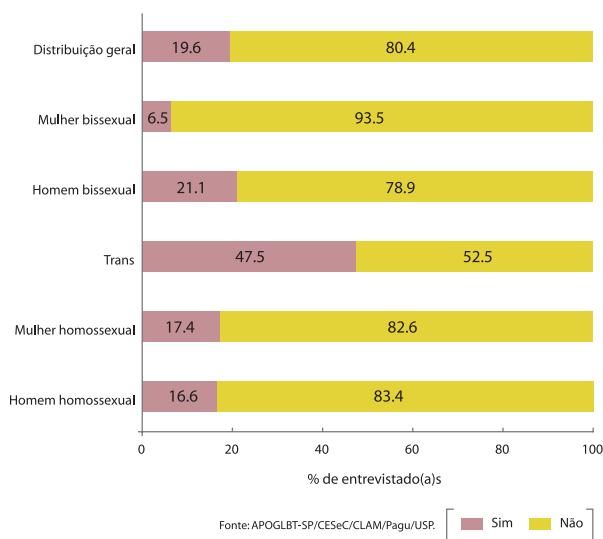
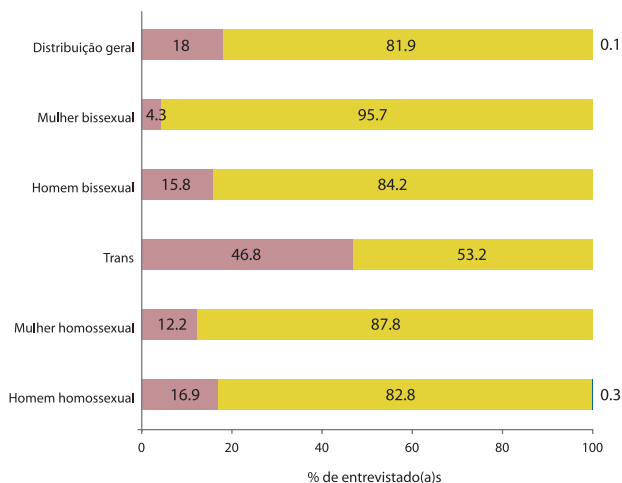


GRÁFICO 26 | COMENTÁRIO

Com frequência notavelmente superior entre todos o(a)s entrevistado(a)s, 47,5% do(a)s trans relataram já ter sido vítima de mau atendimento em estabelecimentos comerciais ou ter sido impedido(a)s de neles ingressar. Mulheres bissexuais são as que menos declararam já ter passado por esse tipo de experiência (6,5%). Novamente, quando observamos os níveis de escolaridade verificamos que esse tipo de discriminação diminui conforme aumenta o nível de instrução.

GRÁFICO 27 | Discriminação por policiais ou mau atendimento em delegacias por sexualidade agregada - Parada São Paulo 2005



Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP. [Sim Não NR/NL]

GRÁFICO 27 | COMENTÁRIO

Uma proporção expressiva de 18% do total de entrevistado(a)s afirmou já ter sido maltratada por policiais ou mal atendida em delegacias devido à sexualidade. Considerando-se que a experiência de ir a uma delegacia ou ser abordado(a) por policiais não é cotidiana, a parcela que sofreu esse tipo de discriminação pode ser considerada alta. Porém, essa frequência cresce para patamares extraordinariamente altos quando isolamos o grupo trans (46,8%), chegando a 63,2% entre “transexuais”. Entre os homens homossexuais entrevistados, 16,9% afirmaram já ter sofrido essa discriminação, o mesmo ocorrendo com 15,8% dos homens bissexuais. As mulheres homossexuais e bissexuais aparecem em proporções menores, com 12,2% e 4,3%, respectivamente. A experiência de mau atendimento em delegacias ou maus-tratos por policiais é mais acentuadamente masculina (21,5%) do que feminina (10,2%).

GRÁFICO 28 | Discriminação no ato de doar sangue por sexualidade agregada Parada São Paulo 2005

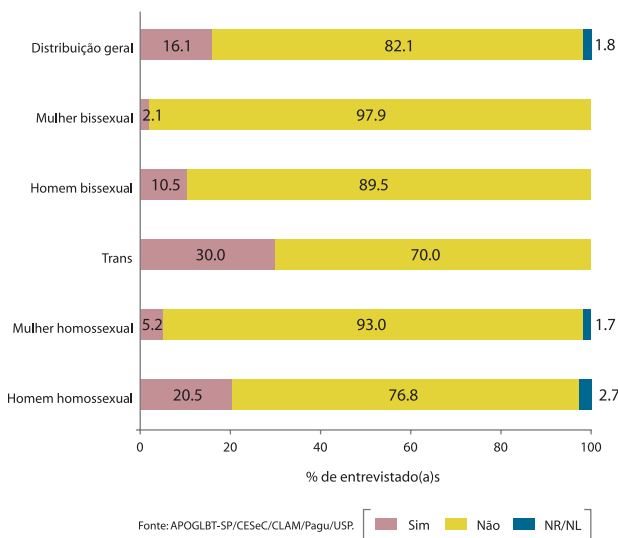


GRÁFICO 28 | COMENTÁRIO

O(a)s trans são o(a)s que afirmaram em maior número já ter sido impedido(a)s de doar sangue devido à sexualidade (30%). Em seguida, vem os homens homossexuais (20,5%) e os homens bissexuais (10,5%). Mulheres homossexuais (5,2%) e mulheres bissexuais (2,1%) aparecem em proporções muito menores. Note-se que ter sofrido esse tipo de discriminação é experiência muito mais frequentemente relatada por homens (21,4%) do que por mulheres (4,5%).

GRÁFICO 29 | Discriminação no trabalho ou no emprego por sexualidade agregada - Parada São Paulo 2005

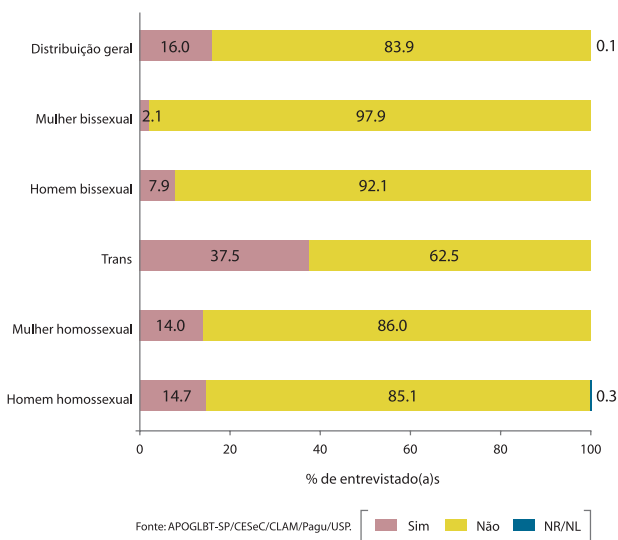
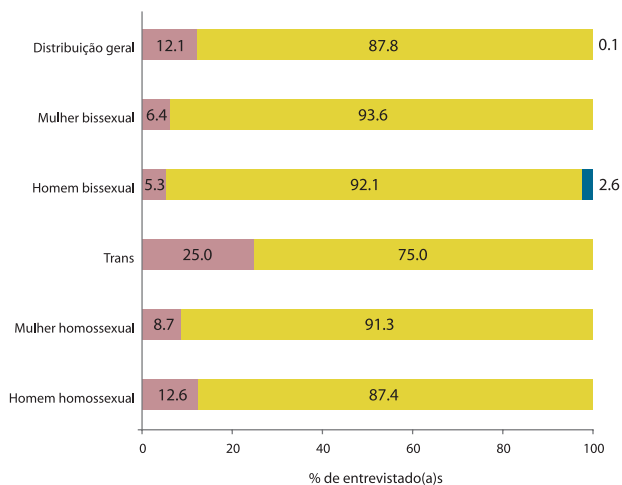


GRÁFICO 29 | COMENTÁRIO

O(A)s trans, “travestis” e “transexuais”, formam o grupo majoritário do(a)s que não foram selecionado(a)s no emprego ou que foram demitido(a)s em razão de sua sexualidade (37,5%). Em proporções bem menores, homens homossexuais (14,7%) e mulheres homossexuais (14%) vêm em seguida. Mulheres bissexuais (2,1%) foram as menos atingidas por este tipo de discriminação. Em geral, os homens (17,9%) sofreram com mais frequência esse tipo de experiência do que as mulheres (11,6%). Enquanto variáveis como cor/raça e idade não parecem exercer influência significativa, esse tipo de discriminação tende a ser menos reportado conforme aumenta o nível de instrução, caindo de 18,9% entre o(a)s que tinham ensino fundamental para 14,2% e 6,7%, entre o(a)s que tinham ensino superior e pós-graduação, respectivamente.

GRÁFICO 30 | Discriminação em serviços de saúde ou por profissionais de saúde, por sexualidade agregada - Parada São Paulo 2005

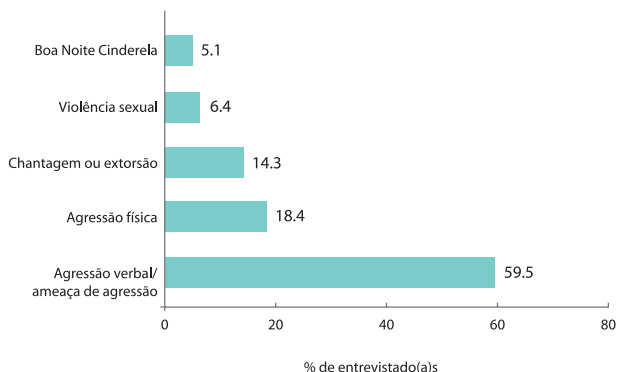


Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP. [Sim Não NR/NL]

GRÁFICO 30 | COMENTÁRIO

O(A)s trans são (o)as que mais freqüentemente afirmaram já terem sido mal atendido(a)s em serviços de saúde ou por profissionais de saúde (25%). Em seguida, vêm homens homossexuais (12,6%), mulheres homossexuais (8,7%), mulheres bissexuais (6,4%) e homens bissexuais (5,3%). Apenas uma pesquisa em profundidade pode indicar em quais serviços e com que profissionais esse tipo de discriminação ocorre mais freqüentemente. Quanto às sexualidades auto-atribuídas, chama a atenção o fato de esse tipo de discriminação ser bem mais comum entre “travestis” (35%) do que entre “transexuais” (10,5%).

GRÁFICO 31 | Modalidades de agressão (múltiplas respostas)
Parada São Paulo 2005



Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 721 entrevistado(a)s.

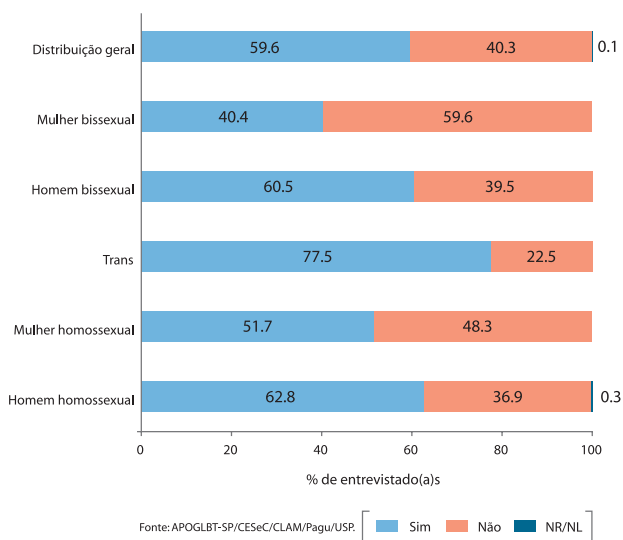
GRÁFICO 31 | COMENTÁRIO

As agressões representam experiências de homofobia mais explícitas, algumas delas traumáticas. As cinco modalidades pesquisadas (agressão verbal ou ameaça de agressão; agressão física; chantagem ou extorsão; violência sexual e Boa Noite Cinderela) percorrem um universo de dinâmicas que pode envolver pessoas desconhecidas (por exemplo, ser espancado(a) ou chantageado(a) na rua por estranhos) ou conhecidas e familiares. As agressões verbais ou ameaças de agressão são destacadamente as experiências mais freqüentemente relatadas pelo(a)s entrevistado(a)s, tendo sido vividas por mais da metade dele(a)s (59,5%). Em seguida, vêm as agressões físicas (18,4%), as chantagens ou extorsões (14,3%), as violências sexuais (6,4%) e o golpe conhecido como Boa Noite Cinderela¹⁰ (5,1%). A maior parte das agressões aconteceu em locais públicos (53,9%), seguida das que aconteceram em casa (17,2%) e na escola/faculdade (14,3%). O(A)s trans são (o)as que mais freqüentemente declaram terem sido agredido(a)s em locais públicos (68,6%), em contraste com as mulheres bissexuais (38,9%). Mulheres bissexuais e mulheres homossexuais são as que mais declararam terem sido agredidas em casa (22,2% e 27,4%, respectiva-

¹⁰ O crime consiste na sedação da vítima com soníferos e outras substâncias narcóticas com o objetivo de roubar dinheiro e bens.

mente) em contraste com homens homossexuais (16,3%) e principalmente com homens bissexuais (8%). O(A)s mais jovens tendem a relatar mais frequentemente agressões na escola, tendo sido experiência compartilhada por 30,9% entre o(a)s que tinham até 18 anos e 19,5% entre o(a)s que tinham de 19 a 21 anos de idade. Essas frequências caem para 12,1%, entre o(a)s de 22 a 39 anos, chegando a 3,1% entre o(a)s de 40 anos ou mais. Entrevistado(a)s que se identificaram como “preto(a)s” relataram um maior número de agressões em locais públicos (65,8%), quando comparados aos “pardo(a)s” (54,2%) e “branco(a)s” (51,3%).

▮ GRÁFICO 32 ▮ Agressão verbal/ameaça de agressão por sexualidade agregada Parada São Paulo 2005

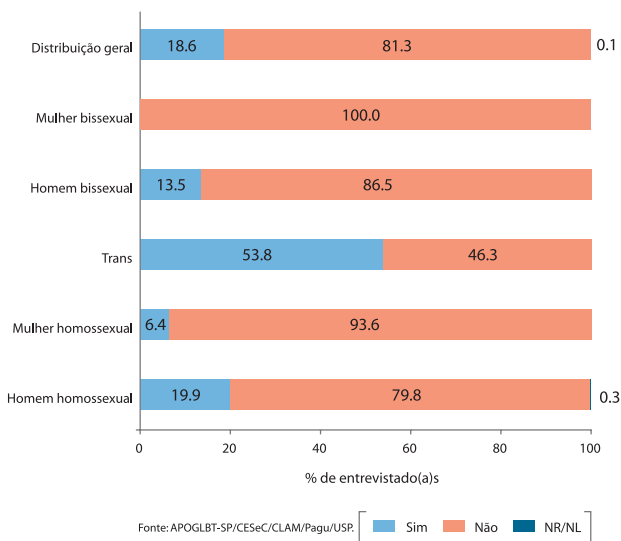


▮ GRÁFICO 32 ▮ COMENTÁRIO

Ter sofrido algum tipo de agressão verbal é experiência muito frequentemente relatada por homossexuais, bissexuais e trans. Dada a sua alta incidência geral (quase de 60%), ter sido vítima de agressões verbais e ameaças de agressão aparece como experiência social quase constitutiva da própria homossexualidade no Brasil. Sua distribuição é relativamente homogênea entre os grupos, embora o(a)s trans sejam as vítimas prefe-

renciais (77,5%). Mesmo no grupo menos atingido, o das mulheres bissexuais, as ofensas verbais ou ameaças são ainda muito comuns (40,4%).

▮ GRÁFICO 33 ▮ Agressão física por sexualidade agregada - Parada São Paulo 2005



▮ GRÁFICO 33 ▮ COMENTÁRIO

Ter sofrido agressão física devido à sexualidade foi uma experiência relatada por mais da metade do(a)s trans (53,8%). Quando isolamos apenas as “travestis”, observamos que 60% delas relataram ter sido agredidas pelo fato de serem travestis. A agressão física é uma experiência também mais freqüente entre homens (24,8%) do que entre mulheres (4,9%) e entre o(a)s menos escolarizado(a)s (30,2% para o(a)s que tinham ensino fundamental) do que entre o(a)s mais escolarizado(a)s (13,6% para o(a)s que tinham pós-graduação). O(a)s que se auto-classificaram como “preto(a)s” sofreram agressões físicas devido à sexualidade em proporções sensivelmente maiores do que o(a)s que se declararam “branco(a)s” ou “pardo(a)s”: 26,3%, entre “preto(a)s”; 17,5% entre “branco(a)s”; e 17,2% entre “pardo(a)s”.

GRÁFICO 34 | Chantagem ou extorsão por sexualidade agregada
Parada São Paulo 2005

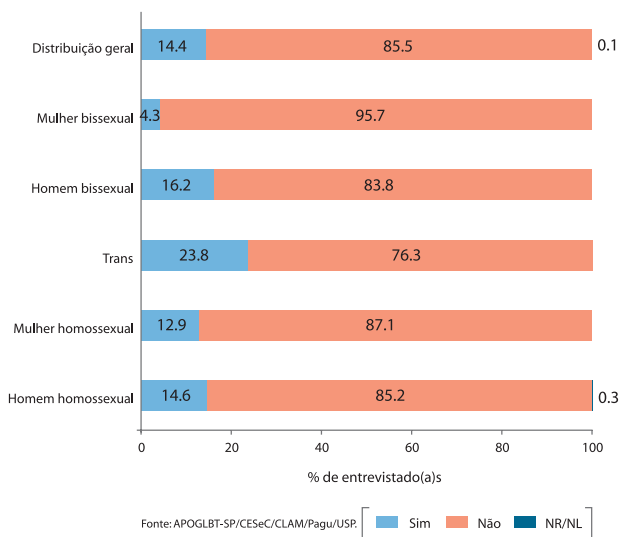


GRÁFICO 34 | COMENTÁRIO

O(A)s trans relataram mais frequentemente ter sofrido chantagens e extorsões (23,8%). Mas o grupo de homens bissexuais aparece em segundo lugar (16,2%), à frente de homens homossexuais (14,6%) e de mulheres homossexuais (12,9%). As mulheres bissexuais relataram em menor proporção ter sido vítima desse tipo de violência (4,3%). Há também variação por faixa etária: apenas 9,2% daquele(a)s com até 18 anos e 11,7% do(a)s que tinham entre 19 a 21 anos afirmaram ter sido vítimas de chantagens ou extorsões, em contraste com 18,6% entre o(a)s que tinham 40 anos ou mais.

GRÁFICO 35 | Violência sexual por sexualidade agregada - Parada São Paulo 2005

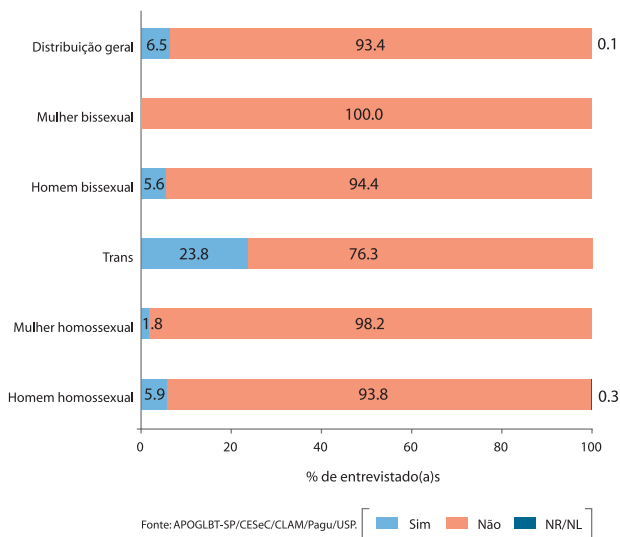
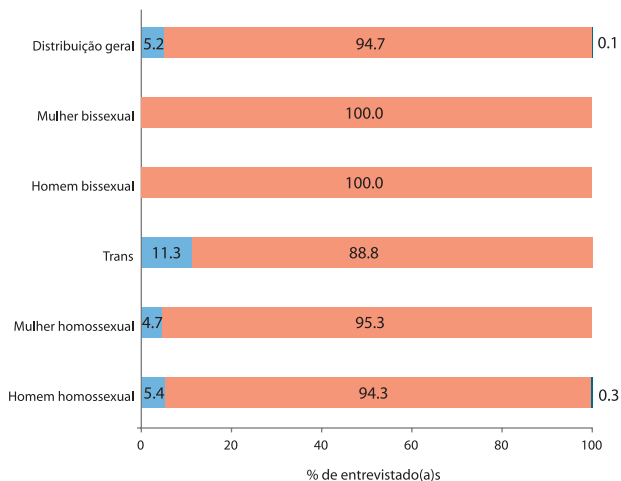


GRÁFICO 35 | COMENTÁRIO

Chama a atenção a parcela de trans que relatou ter sofrido violência sexual (23,8%), em contraste com as respostas dos outros grupos: homens homossexuais aparecem com 5,9%; homens bissexuais com 5,6% e mulheres homossexuais com 1,8%. Também parece existir uma ligeira variação na distribuição desse tipo de agressão por faixa etária. Entre o(a)s mais velho(a)s a incidência é maior (8,7% para o(a)s que tinham de 30 a 39 anos e 8% para o(a)s que tinham 40 anos ou mais) do que entre os mais jovens (1,3% do(a)s que tinham até 18 anos e 2% do(a)s que tinham idades variando de 19 a 21 anos).

GRÁFICO 36 | Boa Noite Cinderela por sexualidade agregada
Parada São Paulo 2005

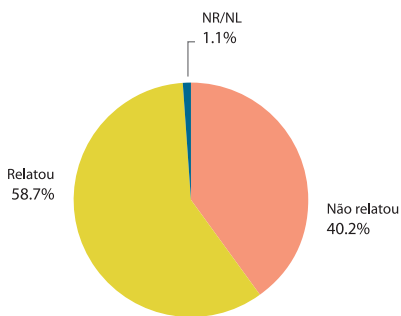


Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP. [Sim Não NR/NL]

GRÁFICO 36 | COMENTÁRIO

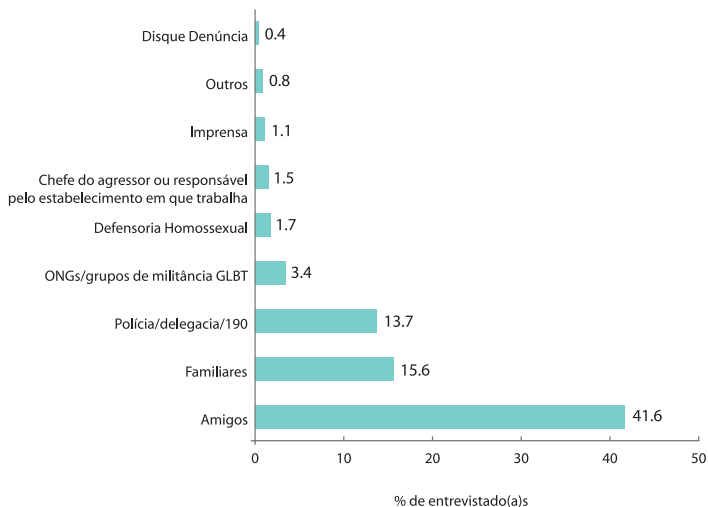
O golpe Boa Noite Cinderela é a agressão menos frequentemente relatada pelo(a)s entrevistado(a)s, tendo ocorrido em 5,2% do conjunto da amostra. Não há nenhum caso entre o(a)s bissexuais. O grupo trans aparece com maior incidência (11,3%), seguido dos homens homossexuais (5,4%) e das mulheres homossexuais (4,7%). Quando observamos as sexualidades auto-atribuídas, temos que uma proporção significativa (10,3%) do(a)s que se declararam “entendido(a)s” sofreram o golpe.

GRÁFICO 37 | Relato da agressão (múltiplas respostas) - Parada São Paulo 2005



Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 460 entrevistado(a)s.

GRÁFICO 38 | Para quem relatou a agressão (múltiplas respostas) Parada São Paulo 2005



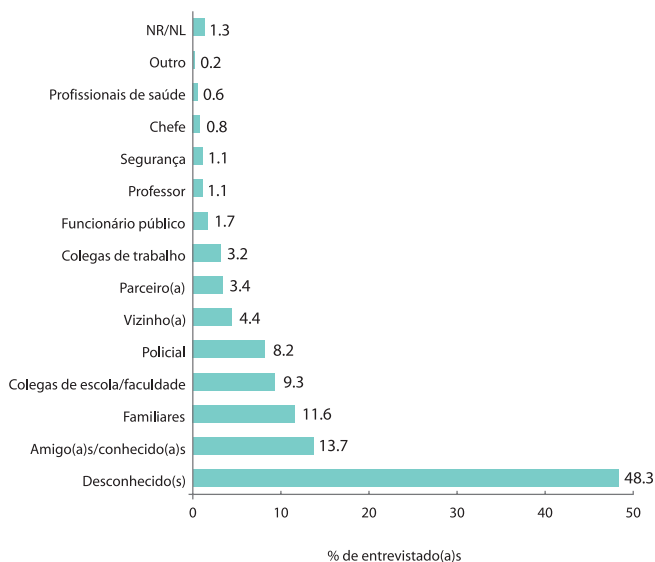
Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 474 entrevistado(a)s.

GRÁFICO 37 - 38 | COMENTÁRIO

Chama a atenção o fato de que 40,2% do(a)s respondentes que sofreram agressões não chegaram a denunciá-las ou relatá-las a ninguém.

Porcentagem relativamente alta uma vez que, em geral, trata-se aqui de experiências mais críticas, quando comparadas às de discriminação, que são mais subjetivas e dependentes de uma certa percepção de processos muitas vezes sutis de exclusão ou de marginalização. Amigos (41,6%) foram aqueles para quem as agressões foram relatadas mais frequentemente, sendo seguidos de longe por familiares (15,6%). A polícia aparece em terceiro lugar, com 13,7%. Entre o(a)s entrevistado(a)s que relataram as agressões para a polícia, destacam-se homens bissexuais e o(a)s trans (30,8% no primeiro caso e 25,7% no segundo). Esses resultados se aproximam muito daqueles obtidos anteriormente no Rio de Janeiro, confirmando a tradição de um número relativamente baixo de denúncias de homofobia, a despeito de sua alta incidência.

GRÁFICO 39 | Agressores (múltiplas respostas) - Parada São Paulo 2005



Fonte: APOGLBT-SP/ICESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 474 entrevistado(a)s.

GRÁFICO 39 | COMENTÁRIO

Perguntamos a(o)s entrevistado(a)s quem foi ou quais foram o(a)s autore(a)s da agressão declarada ou a da que ele(a)s considerassem a mais

grave ou marcante, nos casos em que declararam ter sofrido mais de um tipo de agressão. Em quase metade dos casos, os autores foram desconhecidos (48,3%) e em pouco mais da metade dos casos essas agressões aconteceram em espaço público. O(A)s trans são o(a)s mais vitimado(a)s em espaços públicos (68,6% dele(a)s contra 38,9% das mulheres bissexuais), mesmo que tenha sido nesses espaços que ocorreu a maioria das agressões apontadas como mais marcantes (53%, entre homens homossexuais; 49,5%, entre mulheres homossexuais e 52%, entre homens bissexuais). Praticamente a outra metade das agressões (45,6%) corresponde aos casos envolvendo pessoas com quem as vítimas estavam em relações mais ou menos íntimas (“amigo(a)s/conhecido(a)s”, “familiares”, “colegas de escola e faculdade”, “vizinhos”, “parceiros”, “colegas de trabalho”). A família é contexto significativo para as agressões, pois, entre os autores das agressões apontadas como mais graves ou marcantes, os “familiares” aparecem em terceiro lugar, com 11,6%, ou em segundo, com 14%, caso incluamos também os 3,4% de casos em que parceiro(a)s foram apontado(a)s como o(a)s agressore(a)s. Não por acaso, segundo o(a)s respondentes, 17,2% dessas agressões ocorreram em casa, sendo esses casos de violência familiar ou doméstica mais comuns entre mulheres: 27,4% das mulheres homossexuais relataram agressões em casa, contra 16,3% dos homens homossexuais; 22,2% **das** bissexuais fizeram o mesmo, contra apenas 8% **dos** bissexuais. Em relação às agressões homofóbicas que são cometidas por conhecidos, pode-se dizer que, de um modo geral, acontecem no âmbito de dinâmicas mais horizontais (amigos, colegas, vizinhos) do que hierárquicas. Resta, porém, o número minoritário, mas não insignificante, de 13,5% de agressões que partiram de pessoas com as quais se entra em interação no cotidiano da vida pública e que não são necessariamente nem familiares, nem desconhecidas. Entre elas, algumas se colocam, mesmo que conjunturalmente, em posição hierarquicamente superior à vítima (“policial”, “funcionário público”, “segurança”, professor”, “chefe”, “profissional de saúde”). Destacam-se nesses casos os policiais que, sozinhos, correspondem a 8,2% dos autores das agressões consideradas mais graves ou marcantes pelo(a)s entrevistado(a)s.

GRÁFICO 40 | Opinião sobre o projeto de Parceria Civil por sexualidade agregada Parada São Paulo 2005

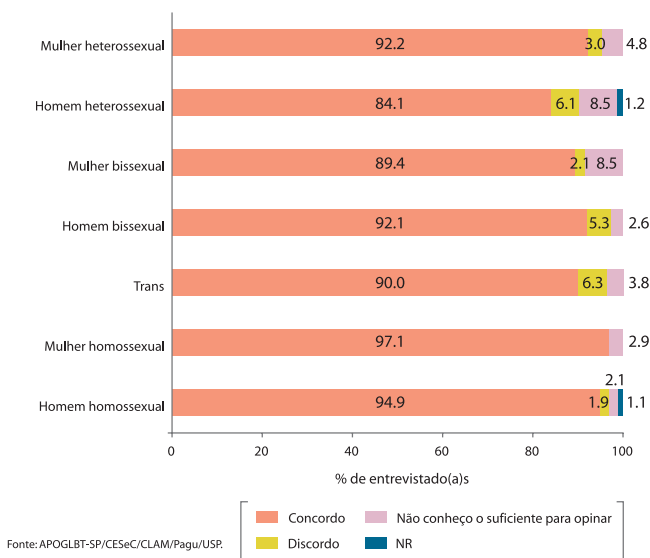
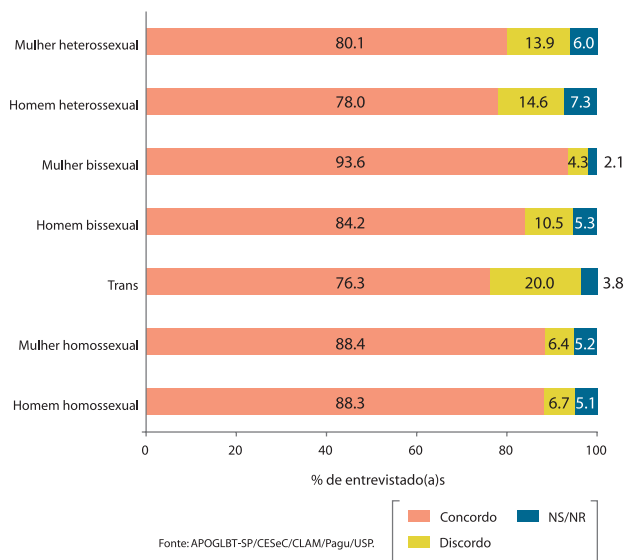


GRÁFICO 40 | COMENTÁRIO

A quase totalidade do(a)s entrevistado(a)s, inclusive heterossexuais, concordava com o projeto de parceria civil (93,1%). Isso pode dar uma idéia do caráter emblemático que tem assumido no Brasil o reconhecimento público (por parte da sociedade e do Estado) das relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Em que pese o fato de a questão formulada ter explicitado o conteúdo do projeto de lei, chama a atenção a parcela muito pequena de entrevistado(a)s que declarou não conhecer o projeto suficientemente para opinar (3,8%). Há pequena variação segundo a sexualidade agregada, sendo que homens heterossexuais são os que menos concordam com o projeto de lei (84,1% disseram concordar) e as mulheres homossexuais são as que mais concordam (97,1% disseram concordar). Há também pequena variação segundo faixa etária. O número do(a)s que concordam cresce consistentemente conforme aumenta a idade: entre o(a)s que tinham até 18 anos, 89,6% disseram concordar com o projeto, número que sobe para 95,6% entre o(a)s de 40 anos ou mais. Os principais motivos do(a)s que disseram concordar foram: “porque os direi-

tos devem ser iguais para todos” (59,1%); “porque o patrimônio construído em conjunto deve ser dividido” (18,2%) e porque o(a) próprio(a) respondente “quer se casar e ser feliz” (12,6%). Entre os principais motivos do(a)s pouco(a)s que disseram discordar (25 respondentes) destacam-se: “porque casamento no papel não é importante” e “porque casamento é coisa de heterossexual”.

▮ GRÁFICO 41 ▮ Opinião sobre gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros terem/criarem filhos por sexualidade agregada
Parada São Paulo 2005

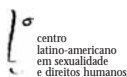


▮ GRÁFICO 41 ▮ COMENTÁRIO

Quando se trata da opinião sobre gays, lésbicas, trans e bissexuais terem/criarem filhos, a concordância é um pouco menor do que a manifestada sobre parceria civil, atingindo 85,1% do(a)s entrevistado(a)s. As mulheres bissexuais são as que mais estão de acordo com a proposição (93,6%) seguidas pelas mulheres homossexuais (88,4%). No outro extremo, temos as trans, entre as quais 76,3% concordavam com gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros terem ou criarem filhos. Chama atenção o fato de essa proporção ser até menor, mesmo que muito ligeiramente, do que a

dos homens heterossexuais (78%). Quase metade dos que concordaram (47,1%) justificou sua opinião afirmando que “a opção sexual não influencia na criação dos filhos”, enquanto 26,6% apontaram que “todos devem ter os mesmos direitos”. A possibilidade das crianças terem “estrutura mental confusa” foi a razão mais alegada (25,8%) entre o(a)s que discordaram da proposição, seguida pela idéia de que “filho é coisa para heterossexual” e de que crianças criadas por gays, lésbicas, trans e bissexuais sofrerão preconceitos. Note-se que um número significativo do(a)s que discordaram não soube explicar sua posição (19,4%).

ANEXO 1 QUESTIONÁRIO



Paqu
Núcleo de
Estudos de
Gênero

PESQUISA POLÍTICA, DIREITOS, VIOLÊNCIA E HOMOSSEXUALIDADE 9ª PARADA DO ORGULHO SÃO PAULO 2005

nº Quest. | | | |

A Associação da Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros de São Paulo e universidades do Rio de Janeiro e São Paulo (UERJ, UCAM, USP e UNICAMP) estão realizando uma pesquisa para conhecer as opiniões e as experiências dos participantes da Parada sobre Políticas, Direitos e Sexualidade. O questionário é anônimo e as informações irão contribuir para ampliar o conhecimento sobre a comunidade GLBT.

BLOCO 0

| Nº Entrevistador(a) | | |

| Nº Supervisor(a) | | |

| 01. VOCÊ JÁ PARTICIPOU DE ALGUMA PARADA DO ORGULHO GLBT, ANTES DESTA?

1 sim

2 não

3 NL/NR

I 02. VOCÊ VEIO À PARADA POR QUÊ? *[marcar apenas uma]*

- 1 por curiosidade/diversão
- 2 para que os homossexuais tenham mais direitos
- 3 por solidariedade com amigos(as)/parentes homossexuais
- 4 para paquerar
- 5 outra: _____
- 99 NR

I 03. COM RELAÇÃO A SUA SEXUALIDADE, COM QUAL DESSAS CATEGORIAS VOCÊ MAIS SE IDENTIFICA? *[marcar apenas uma]*

- 1 gay
- 2 lésbica
- 3 travesti
- 4 transexual
- 5 bissexual
- 6 entendido(a)
- 7 homossexual
- 8 heterossexual _ *vá para a pergunta 24*
- 9 outra: _____
- 10 nenhuma
- 99 NS/NR

BLOCO I - CONJUGALIDADE/PARENTALIDADE

Agora vou fazer algumas perguntas sobre seus relacionamentos afetivos e familiares

I 04. ATUALMENTE, VOCÊ ESTÁ:

- 1 sozinho(a) _ *vá para a pergunta 06*
- 2 casado(a)
- 3 namorando
- 4 ficando
- 5 outro: _____
- 99 NS/NR

I 05. HÁ QUANTO TEMPO VOCÊS ESTÃO JUNTOS?

- 1 menos de 1 ano
2 de 1 a 3 anos
3 de 4 a 5 anos
4 de 6 a 10 anos
5 mais de 10 anos
99 NS/NR

I 06. EM RELAÇÃO AO SEU ÚLTIMO(A) OU ATUAL NAMORADO(A) OU PARCEIRO(A), ONDE VOCÊS SE CONHECERAM? *[espere a resposta]*

- 1 bar, boates, festas gays
2 casa de amigos
3 em grupo religioso
4 local de estudo/ trabalho
5 em locais de pegação (saunas, banheiros, salas de vídeos, sex shops)
6 em locais públicos (rua, shoppings, praças, parques, praia)
7 na Internet/Tele-amigo
8 na Parada
9 outra? Qual _____
99 NS/NR

I 07. ATUALMENTE VOCÊ RESIDE:

- 1 sozinho(a)
2 companheiro(a)/parceiro(a)
3 amigo(a)(s)
4 familiares
5 outro: _____
99 NR

I 08. EM RELAÇÃO AOS SEUS(SUAS) PARCEIROS(AS), VOCÊ PREFERE QUE ELES(ELAS) SEJAM:

I IDADE

- 1 mais novos que você
2 mais velhos

I INSTRUÇÃO

- 1 mais instruídos que você
2 menos instruídos

3 mesma faixa etária

4 indiferente

99 NS/NR

I NÍVEL ECONÔMICO

1 mais ricos que você

2 mais pobres

3 mesma faixa de renda

4 indiferente

99 NS/NR

I ATRIBUTO DE GÊNERO

1 mais masculinos

2 mais femininos

3 assim como você

4 indiferente

99 NS/NR

I 09. VOCÊ TEM FILHOS? [pode marcar mais de uma]

1 sim, de um relacionamento heterossexual anterior

2 sim, de uma relação sexual eventual(produção independente)

3 sim, adotei legalmente

4 sim, peguei para criar (adoção informal)

5 sim, meu/minha parceiro/a tem filhos que considero como meus

6 sim, outro modo. Qual? _____

7 não

99 NS/NR

3 mesmo nível de instrução

4 indiferente

99 NS/NR

I COR

1 mais escuros que você

2 mais claros

3 mesma cor/raça

4 indiferente

99 NS/NR

BLOCO II – SEXUALIDADE/SAÚDE

Agora vou fazer algumas perguntas sobre sexualidade e saúde.

I 10. VOCÊ JÁ ASSUMIU SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL PARA: *[pode marcar mais de uma]*

- 1 familiares
- 2 amigos
- 3 colegas de trabalho
- 4 colegas de escola/faculdade
- 5 profissionais de saúde (médico, psicólogo, etc.)
- 6 outras pessoas. _____
- 7 ainda não me assumi

99 NS/NR

I 11. VOCÊ JÁ FEZ O TESTE DO HIV?

- 1 nunca fiz
- 2 fiz uma vez
- 3 fiz algumas vezes
- 4 faço periodicamente

99 NR

I SOMENTE PARA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS I

I 12. VOCÊ USA OU JÁ USOU HORMÔNIOS OU SILICONE?

- 1 sim
- 2 não _ *vá para a pergunta 15*

99 NS/NR

I 13. VOCÊ JÁ RECEBEU ORIENTAÇÕES SOBRE CUIDADOS NO USO DO SILICONE OU HORMÔNIOS?

[pode marcar mais de uma]

- 1 nunca recebi
- 2 sim, de serviço ou profissional de saúde
- 3 sim, de grupos de militância/ONGs

4 sim, de outra travesti ou transexual

5 sim, de outra fonte. Qual? _____

99 NR

| SOMENTE PARA MULHERES |

| 14. VOCÊ JÁ FOI AO GINECOLOGISTA?

1 nunca fui

2 fui uma vez

3 fui algumas vezes

4 vou todo ano

5 outra periodicidade. Qual? _____

BLOCO III – MOBILIZAÇÃO, DIREITOS E VIOLÊNCIA

As próximas perguntas serão sobre participação, direitos e discriminação.

| 15. VOCÊ PARTICIPA OU JÁ PARTICIPOU DE ALGUM MOVIMENTO SOCIAL COMO OS QUE VOU LER ABAIXO? **[pode marcar mais de uma]**

1 associação de moradores

2 sindicato(s)

3 partido político

4 grupo(s) religioso(s)

5 ONGs

6 movimento estudantil

7 movimento homossexual

8 outros: _____

9 nunca participou

99 NS/NR

19. DEVIDO À SUA SEXUALIDADE, VOCÊ JÁ SOFREU ALGUMA DAS AGRESSÕES QUE VOU LER?

1 - agressão física

1 sim 2 não 99 NR/NL

2 - agressão verbal/ameaça de agressão

1 sim 2 não 99 NR/NL

3 - Boa Noite Cinderela

1 sim 2 não 99 NR/NL

4 - violência sexual

1 sim 2 não 99 NR/NL

5 - chantagem ou extorsão

1 sim 2 não 99 NR/NL

Se assinalou somente uma, pule para 21.

Se respondeu “não” em todas as alternativas, pule para a pergunta 24.

20. QUAL FOI A AGRESSÃO MAIS GRAVE OU MAIS MARCANTE

[no caso de mais de um tipo de agressão]: | |

1 AGRESSÃO FÍSICA

2 AGRESSÃO VERBAL/AMEAÇA DE AGRESSÃO

3 BOA NOITE CINDERELA

4 VIOLÊNCIA SEXUAL

5 CHANTAGEM OU EXTORSÃO

21. ONDE OCORREU ESTA AGRESSÃO? **[espere a resposta]**

1 casa

2 trabalho

3 escola/faculdade

4 estabelecimento comercial

5 local público (rua, shoppings, praças, parques, praia)

6 outro: _____

99 NR/NL

I 22. QUEM FOI O AUTOR OU AUTORES DESTA AGRESSÃO?

[espere a resposta e pode marcar mais de uma opção]

- 1 amigo(a)s/conhecido(a)s
- 2 parceiro(a)
- 3 familiares
- 4 colegas de escola/faculdade
- 5 colegas de trabalho
- 6 vizinho(a)
- 7 policial
- 8 segurança
- 9 professor
- 10 chefe
- 11 funcionário público
- 12 desconhecido(s)
- 13 profissionais de saúde
- 14 outro. _____
- 99 NR/NL

I 23. VOCÊ RELATOU ESTE FATO PARA: *[pode marcar mais de uma]*

- 1 polícia/delegacia/190
- 2 Defensoria Homossexual
- 3 ONGs/grupos de militância GLBT. Qual? _____
- 4 imprensa
- 5 amigos
- 6 familiares
- 7 Disque Denúncia
- 8 outros. _____
- 9 não relatou
- 99 NR/NL

BLOCO IV - GOSTARIA DE PEDIR SUA OPINIÃO SOBRE DOIS TEMAS QUE VÊM SENDO DISCUTIDOS ATUALMENTE NO BRASIL.

24. SOBRE O PROJETO DE PARCERIA CIVIL, QUE PREVÊ O RECONHECIMENTO LEGAL DAS UNIÕES AFETIVAS ENTRE PESSOAS DO MESMO SEXO, VOCÊ:

1 concorda. Por quê? _____

2 discorda. Por quê? _____

3 não conheço o suficiente para opinar

99 NR

25. SOBRE GAYS, LÉSBICAS, TRANSGÊNEROS OU BISSEXUAIS TEREM/CRIAREM FILHOS, VOCÊ:

1 concorda. Por quê? _____

2 discorda. Por quê? _____

99 NS/NR

BLOCO V - PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO

Para finalizar, vou fazer algumas perguntas sobre seu perfil sócio-econômico.

26. QUAL É A SUA IDADE? | | anos

27. QUAL É A SUA COR OU RAÇA? _____

28. QUAL A SUA COR OU RAÇA NA SEGUINTE CLASSIFICAÇÃO DO IBGE? *[atenção, leia as opções]*

1 branca

2 preta

3 parda

4 amarela

5 indígena

99 NS/NR

29. SE VOCÊ ESTÁ CASADO, NAMORANDO OU FICANDO, COMO VOCÊ CLASSIFICARIA A COR OU RAÇA DO SEU PARCEIRO(A)?

1 branca

- 2 preta
- 3 parda
- 4 amarela
- 5 indígena
- 6 está sozinho
- 99 NS/NR

I 30. EM QUE RELIGIÃO VOCÊ FOI CRIADO? *[pode marcar mais de uma]*

- 1 católica
- 2 evangélica. Qual? _____
- 3 espírita/kardecista
- 4 umbanda
- 5 candomblé
- 6 nenhuma
- 7 outra. Qual? _____
- 99 NS/NR

I 31. ATUALMENTE, QUAL A RELIGIÃO OU CULTO QUE VOCÊ FREQUENTA? *[pode marcar mais de uma]*

- 1 católica
- 2 evangélica. Qual? _____
- 3 espírita/kardecista
- 4 umbanda
- 5 candomblé
- 6 nenhuma
- 7 outra. Qual? _____
- 99 NS/NR

I 32. QUAL É O SEU NÍVEL DE INSTRUÇÃO?

- 1 sem instrução
- 2 ensino fundamental completo

3 ensino fundamental incompleto

4 ensino médio completo

5 ensino médio incompleto

6 ensino superior completo

7 ensino superior incompleto

8 mestrado/doutorado

99 NR

I 33. ATUALMENTE VOCÊ FREQUENTA ALGUMA ESCOLA DE PRIMEIRO, SEGUNDO GRAU OU UNIVERSIDADE?

1 sim

2 não

3 NR

I 34. VOCÊ ATUALMENTE: **[marque apenas uma, a principal fonte]**

1 exerce atividade remunerada. Qual/quais? _____

2 recebe benefício, pensão, aposentadoria ou bolsa de estudo

3 não trabalha nem recebe benefício

99 NS/NR

I 35. ONDE VOCÊ RESIDE?

1 no Brasil

2 no exterior. Qual o País? _____

Estado _____

País _____

Bairro _____

I 36. COM QUE SEXO VOCÊ FOI REGISTRADO AO NASCER?

1 feminino

2 masculino

99 NR

Agradecer a participação

I 37. VOCÊ CONCORDARIA EM PARTICIPAR DE UMA CONVERSA MAIS DEMORADA SOBRE OS TEMAS DESTE QUESTIONÁRIO? ESTA CONVERSA SERIA AGENDADA COM VOCÊ EM LOCAL DA SUA ESCOLHA E SEU NOME MANTIDO EM SIGILO (**anotar na folha em anexo**).

1 sim

2 não

ANEXO 2 ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE O TRABALHO DE CAMPO

A pesquisa foi precedida de uma atividade de treinamento, realizada em 21 de maio de 2005, das 10h00 às 17h30, no Auditório da Biblioteca Mario de Andrade, no centro de São Paulo, com a presença da equipe de coordenação e integrantes da direção da APOGLBT-SP. A principal parte do treinamento consistiu na leitura comentada do questionário e na apresentação dos resultados da pesquisa da 9a. Parada do Orgulho GLBT realizada no Rio de Janeiro em 2004. Os 92 participantes selecionados se engajaram ativamente nas discussões. Nessa ocasião, foi estabelecida também a divisão dos participantes em nove grupos de entrevistadores, cada um a cargo de um supervisor. Os nove supervisores selecionados voltaram a se reunir com parte da equipe de coordenadores de São Paulo, para acertar detalhes relativos à distribuição das equipes na Avenida Paulista, na tarde do dia 26 de maio, por ocasião da feira que anualmente acontece no Largo do Arouche, no centro de São Paulo, como parte das atividades do Mês do Orgulho GLBT. Ao longo dessa semana, os supervisores recontataram suas respectivas equipes, para combinar horário e local de encontro e também para trocar informações das experiências de pré-aplicação do questionário.

No dia da parada, os participantes se encontraram por volta das 10h00, no quarteirão entre as Ruas Augusta e Haddock Lobo, junto a uma das saídas da Estação Consolação do Metrô, ponto em que se estabeleceu o “QG” da coordenação. O comparecimento foi altamente expressivo: a grande maioria se apresentou no horário acertado e, dentre os 83 que participaram do treinamento, tivemos apenas quatro ausências. Uma vez procedidas a veri-

ficação dos presentes e a distribuição do material de pesquisa (questionários, pranchetas, crachás, canetas e camisetas identificadoras), oito grupos, compostos de nove a dez pesquisadores cada, foram distribuídos em diferentes pontos ao longo da Avenida Paulista, desde a esquina com a Rua da Consolação até a esquina com a Avenida Brigadeiro Luís Antonio, num trecho de cerca de 1,5km de extensão. Cada uma dessas equipes estabeleceu um ponto em torno do qual gravitaria, no qual deveria permanecer o respectivo supervisor. Um grupo menor, de quatro pesquisadores, foi mais móvel, por ser encarregado de entrevistar apenas travestis e transexuais.

Os supervisores foram posteriormente estimulados a produzir breves relatórios de avaliação das atividades executadas em campo, ressaltando os aspectos positivos e as dificuldades encontradas, nos quais se baseiam as observações que aqui se seguem.

De modo geral, supervisores e pesquisadores consideraram que a pesquisa foi relativamente fácil de ser realizada porque a grande maioria das pessoas aceitava participar de bom grado e alguns até solicitavam que a pesquisa fosse feita com eles. A temática dos direitos suscitou bastante interesse e muitos entrevistados manifestaram o desejo de saber quando e onde os resultados da pesquisa seriam divulgados. Os pesquisadores se mostraram bastante empenhados e, muitas vezes, criativos na abordagem dos entrevistados e na condução das entrevistas. A grande maioria permaneceu em campo durante o tempo previsto para as entrevistas (até por volta das 14h00) e vários excederam a cota mínima estipulada, de 10 questionários.

Houve bastante esforço das equipes em diversificar a amostra, tanto da parte dos pesquisadores como da parte dos supervisores, que se desdobraram em criar estratégias em campo para assegurar esse objetivo. Supervisores se mostraram atentos para evitar que fossem entrevistados muitos dos que diziam estar na parada somente para “assistir” ou para “trabalhar”. Pesquisadores evitaram se concentrar próximos demais uns dos outros, cuidaram de não repetir entrevistas em grupos pequenos e seguiram de modo altamente satisfatório a orientação de buscar entrevistados de diferentes perfis. Transpareceu aqui a importância da atividade de treinamento, não só para esclarecer pontos controversos da pesquisa quantitativa, mas também para introduzir os pesquisadores nas particula-

ridades do universo GLBT, com o qual muitos não tinham qualquer familiaridade. Supervisores ressaltaram que, para muitos pesquisadores, a atividade representou não só mais uma prática de pesquisa, mas uma experiência enriquecedora de sua própria visão de mundo.

O trabalho de supervisão foi em grande parte facilitado pela comunicação regular mantida entre pesquisadores e supervisores, no esforço de esclarecer dúvidas na aplicação do questionário – e os supervisores, por sua vez, foram bem-sucedidos em contatar a coordenação, por meio de telefone celular, quando necessário, para mais esclarecimentos. O expediente de solicitar que os pesquisadores retornassem ao supervisor, ao término dos primeiros dois questionários, se mostrou bastante eficiente, possibilitando aos supervisores esclarecer questões mal compreendidas ou perceber erros na condução da pesquisa e solucioná-los a tempo. Do mesmo modo, foi muito importante a solicitação aos supervisores para encaminhar a primeira metade dos questionários para verificação junto ao “QG” da coordenação. Ambas as estratégias permitiram resgatar informações e sanar dúvidas e lacunas, contribuindo, assim para diminuir sensivelmente o número de questionários inválidos.

Devido às grandes proporções da parada em São Paulo, os supervisores de algumas equipes que cobriam os pontos mais afastados do local onde se estabeleceu o “QG” da coordenação, ou que estavam mais próximas do palco central, encontraram dificuldades no deslocamento para trazer os primeiros questionários para verificação. Essas dificuldades foram contornadas, novamente, pelo uso do celular e também pela opção dos supervisores com mais dificuldades de locomoção por permanecerem nos seus pontos para assegurar apoio aos pesquisadores. Mesmo assim, a distância a percorrer entre os pontos de encontro, o barulho, o fascínio (e também o temor) diante das câmeras, a movimentação e a impressionante aglomeração crescentes, à medida que se aproximava o horário de início propriamente dito da parada, foram se convertendo em desafios formidáveis ao andamento da pesquisa. Por volta das 14h00, já não era mais possível abordar quem quer que fosse. Embora o ritmo de desenvolvimento da pesquisa tenha sido diferente entre os vários grupos, e alguns tenham se retardado um pouco mais no encaminhamento dos questionários para verificação, não houve atropelo: por volta das 15h00, quando a parada já se movimentava na direção do ponto onde estava o “QG” da coordenação, os questionários já estavam verificados e seguramente recolhidos para transporte.

Os breves relatórios dos supervisores incluíram observações relevantes quanto à logística da pesquisa, à aplicação dos questionários e à abordagem dos manifestantes. Alguns entrevistados se mostraram intrigados ou mesmo desconfortáveis com a questão “com que sexo você foi registrado ao nascer?”; como se o pesquisador estivesse de algum modo sugerindo que a pessoa abordada fosse “pouco masculina” ou “pouco feminina”. De modo geral, pesquisadores homens encontraram mais facilidade em entrevistar mulheres e vice-versa. Muitos supervisores relataram dificuldades em lidar com travestis e transexuais, que chamam muito a atenção da mídia e dos manifestantes. Todos, enfim, tiveram de lidar com interferências indesejadas, próprias das circunstâncias: a equipe de televisão que insistia em simular uma cena em que um ator (que representava um personagem gay numa telenovela famosa na época) respondia ao questionário; os seguranças do Metrô e dos prédios comerciais da avenida que queriam restringir a circulação dos pesquisadores; moradores de rua que tentavam furtar equipamento; muita gente interessada apenas em posar para as câmeras ou em “dar pinta”.

O episódio a seguir, relatado pela supervisora da equipe que entrevistou especificamente trans, sintetiza muitos dos pontos positivos, desafios e imponderáveis apontados numa pesquisa desse tipo, e serve bem para concluir estas notas: “Um entrevistador aplicava o questionário a uma trans que estava com um grupo de amigas, quando foram abordados por uma equipe de televisão. Foi visível o interesse da trans que respondia à entrevista em também ser filmada com as amigas. Mesmo dispersa e buscando acompanhar o que acontecia ao redor, a trans manteve-se respondendo o questionário, até o momento em que o repórter e a câmera viraram-se para ela e para o jovem pesquisador – que ficou visivelmente tímido ao ser filmado – e passaram a fazer perguntas para a entrevistada, inclusive se o pesquisador era seu namorado. Mas o pesquisador não perdeu o tom: interrompeu a aplicação do questionário, respondeu cordialmente ao repórter e, quando a equipe de TV se afastou, completou a entrevista”.

Por fim, agradecemos a participação dos pesquisadores e supervisores de campo que possibilitaram a realização deste trabalho. Atuaram como supervisores: Ana Paula Galdeano (Unicamp), Anna Catarina Morawska Vianna (USP), Bruna Mantese (USP), Carlos Eduardo Dullo (ESP-SP), Elcio Nogueira dos Santos (PUC-SP), Gustavo Gomes da Costa Santos (Unicamp), Isabela Oliveira (USP), Isadora Lins França (USP) e Ricardo Fernandes

Gambôa (FG). Composto o quadro de pesquisadores, participaram: Acauam Silverio de Oliveira (USP), Alexandre Vega (USP), Aline Carvalho (USP), Amanda Schoenmaker (USP), Ana Luísa Pascale Palhares (Unesp), Ana Paula de Oliveira Augusto (USP), André Luiz Ferreira Farias (USP), André Ribeiro Passos de Arruda (USP), Andréa Cadena Giberti (USP), Anita J. L. R. Limulja (USP), Bárbara Bella Urhan (PUC-SP), Bárbara Scaf (USP), Caio Gustavo Ferraz Freire (USP), Camila Cristina Furchi (USP), Carlos A. O. Silva (USP), Clara Rubim de Toledo (USP), Cláudia Fernanda Barbosa Lima (USP), Daniel Calazans Pierri (USP), David Alves Pereira (USP), David Maximino da Silva (USP), Denis Oliveira e Silva (USP), Edson Tosta M. Filho (USP), Eliana Alves da Costa (ESP-SP), Eliane Aparecida G. Pereira (USP), Erika Andréa Butikofer (ESP-SP), Fernanda Machiaveli (USP), Fernando Morari (USP), Filipe Miranda (USP), Frederic Pouget (USP), Gabriela Dias (ESP-SP), Hugo Alexandre (ESP-SP), Inayara Samuel Silva (ESP-SP), Iolanda B. De Oliveira (USP), João de Aquino Neto (ESP-SP), João Paulo de Athaide (ESP-SP), José Alves da Rocha Filho (ESP-SP), Larissa Zanotto (USP), Leandro Silvestrini (USP), Lia Palm (USP), Lia Urbini (USP), Luciana Eliza dos Santos (USP), Luiz Fernandes (UAM), Lygia Soares Sena Coelho (USP), Marcos A. Genestra (ESP-SP), Marcos Correa Barbalho Junior (PUC-SP), Maria Fernanda S. Pinto (USP), Mariane da Silva Gonçalves (USP), Marília Goulart (ESP-SP), Marília Zaroni Nicoletta (USP), Marina Gurgel Neves (USP), Milena de Lima e Silva (USP), Nadia Barros (USP), Natália Bouças do Lago (USP), Natália Ferruzzi Martucci (E.B.Artes), Natalia Moraes (USP), Nilcilene de Oliveira Mendes (USP), Pedro Guilherme Brandão B. Gomes (ESP-SP), Peri de Uíhoa Canto (USP), Priscila P. Faria Vieira (USP), Rafael da Cunha Lopes (ESP-SP), Rafael Ramalhoso Alves (USP), Renata de Toledo Rodovalho (USP), Renata Moreno (USP), Roberta Jereissati (USP), Rogério Andrade do Nascimento (USP), San Romanelli Assumpção (USP), Sarah Tatiane Néri (USP), Sheila Cruz (USP), Sidney Dias Pereira (ESP-SP), Sidney Ferrer (USP), Stefanie Gil Franco (ESP-SP), Tali Pires de Almeida (USP), Tatiana Conterno (USP), Tatiane de Oliveira Mendes (FG), Tonia Thomé (USP), Uyrá Lopes dos Santos (USP), Vanessa Cristina Garcia de Oliveira (USP), Wenderson Alexandre de Souza Silva (USP) e Wilson Dias (USP).

Procurando conhecer melhor o(a)s participantes das paradas do orgulho GLBT brasileiras, pesquisadores, militantes e voluntários vinculados à Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, ao Núcleo de Estudos de Gênero Pagu da Universidade Estadual de Campinas, ao Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, ao Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes e ao Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos do Instituto de Medicina Social/Universidade do Estado do Rio de Janeiro conduziram em 2005 pesquisa de perfil quantitativo na Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, cujos resultados são aqui apresentados e comentados.

A investigação conduzida em São Paulo dá continuidade a pesquisas anteriores desenvolvidas no Rio de Janeiro e em Porto Alegre, com os mesmos objetivos e métodos. Além de revelar aspectos pouco conhecidos do perfil sociopolítico do(a)s participantes das paradas brasileiras e, por extensão, da população homossexual que se concentra nas grandes cidades do país, nosso principal interesse é estabelecer os padrões de violência e discriminação que atingem gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros (travestis e transexuais).